

FACULDADES INTEGRADAS DE TAQUARA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL
NÍVEL MESTRADO

PEDRO GABRIEL SILVA DE ALMEIDA

MENINAS E MULHERES NO FUTEBOL E NO FUTSAL DE TAQUARA/RS:
uma luta contra preconceitos e busca por espaço.

TAQUARA
2024

PEDRO GABRIEL SILVA DE ALMEIDA

MENINAS E MULHERES NO FUTEBOL E NO FUTSAL DE TAQUARA/RS :
uma luta contra preconceitos e busca por espaço.

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional, pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT)

Orientador: Prof. Dr. Daniel Luciano Gevehr

TAQUARA
2024

PEDRO GABRIEL SILVA DE ALMEIDA

MENINAS E MULHERES NO FUTEBOL E NO FUTSAL DE TAQUARA/RS :

uma luta contra preconceitos e busca por espaço.

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional, pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT)

BANCA EXAMINADORA

Dr. Prof. Doutor Daniel Luciano Gevehr
Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT)

Dr. Marcos Paulo Dhein Griebeler
Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT)

Dr. André Luiz Santos Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Dr.^a Deusa Maria Sousa
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Dedico este trabalho aos meus pais, que embora não tenham tido a oportunidade de ter um elevado grau de escolaridade, sempre se empenharam ao máximo e me deram o suporte necessário para que hoje eu pudesse concluir mais esta etapa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente no decorrer desta jornada, em especial à Deus, a quem devo a vida e onde encontro equilíbrio e razão para minha existência.

À meu pai, Hélio e à minha mãe, Adriana, que sempre me apoiaram nos estudos e nas escolhas tomadas. Foram fundamentais em todos os passos que dei e nunca mediram esforços para viabilizar meus estudos, meu acesso ao conhecimento e os meios necessários para realização de cada etapa em minha vida, além do mais verdadeiro e fraterno amor que sempre encontrei em cada um deles.

À Taiane, minha esposa, pela compreensão, suporte e apoio nos momentos difíceis. Sobretudo nos períodos de ausência das obrigações familiares.

Agradeço também a Martina, minha filha, razão pela qual me motivo a estudar e buscar mais conhecimento. Visando proporcionar a ela uma enriquecedora experiência de vida, servindo de exemplo na busca por conhecimento e na trajetória acadêmica e profissional, permitindo que tenha em seu lar uma amostra genuína de que o conhecimento transforma.

Agradeço aos meus amigos, pela paciência e por entender os motivos que stive ausente em alguns momentos.

Aos meus colegas de trabalho, que sempre foram compreensivos e me incentivaram a estar ingressando nesta jornada acadêmica.

Agradeço aos meus colegas de curso, pelas ricas trocas que tivemos, pelas construções criadas a partir de cada um dos nossos debates e as boas risadas e momentos que passamos nas aulas e nas saídas de campo. Aos colegas: Andressa Soares dos Santos, Camila Paviani Lampert, Cedenir Roberto Camine, Caroline Bilhar da Silva, Caroline Britto da Silva, Denis Mattheus Medinger Kirsch, Edeemar Ferreira Canabarro, Gabriele Alves Garcia, Giovanni Modica e Freitas Cabral, Miriam Freitas da Silva, Rodrigo Batista.

À sempre simpática e prestativa secretária deste programa de Pós Graduação, Andressa Soares dos Santos, que além de estar como colega não deixou de nos dar suporte, estando prontamente disposta em tirar dúvidas, enviar os

recados e alertar sobre os prazos. Agradeço pela colaboração.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da FACCAT pela oportunidade de cursar o Mestrado, concluo o curso convicto que a experiência que vivi, me permite outro prisma acerca do trabalho acadêmico, me sinto pertencente dos processos contruídos durante o estudo e deixo minha contribuição nas áreas do conhecimento e da pesquisa.

Agradeço aos professores e professoras que contribuíram para que eu pudesse concluir com êxito esta jornada. Aos doutores: Aleteia Hummes Thaines, Carlos Águedo Paiva, Carlos Fernando Jung, Daniel Luciano Gevehr, Dilani Silveira Bassan, Jorge Luiz Amaral de Moraes, Marcos Paulo Dhein Griebeler, Moema Pereira Nunes e ao nosso Coordenador do PPGDR, Roberto Tadeu Ramos Morais; meus sinceros agradecimentos pela imensa contribuição que tiveram em minha vida, na minha construção acadêmica e pessoal. Saibam que sempre serão lembrados por cada ensinamento.

Às Faculdades Integradas de Taquara por terem me contemplado com bolsa parcial, sem a qual não seria possível ter cursado este Mestrado Acadêmico. Sou muito grato e eternamente me sentirei filho da FACCAT.

Agradeço aos participantes desta pesquisa por terem se disponibilizado a responder aos questionários deste estudo. Sem esta colaboração não seria possível realizar esta pesquisa.

Agradeço de forma especial, meu orientador, Prof. Dr. Daniel Luciano Gevehr. Antes mesmo de ingressar no curso, já tinha ouvido boas referências do seu trabalho na área que eu desejava pesquisar, partir de uma conversa que tivemos, tive a certeza de que teria nele alguém capaz de me guiar neste percurso. Durante este tempo, além do seu conhecimento e propriedade acerca do tema, se mostrou um ser humano ímpar, de uma empatia invejável, sempre disposto e prestativo, manteve rédeas curtas ao me cobrar prazos e uma produção de excelência. Tens minha eterna gratidão!

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”

Arthur Schopenhauer

RESUMO

O presente estudo tem como tema principal uma análise visando o mapeamento da condição da prática do futebol feminino em Taquara, bem como compreender os fatores que influenciam o baixo número ou a ausência de espaços para a promoção da prática do futebol e do futsal por meninas e mulheres. Ademais, busca identificar as causas dos preconceitos e as barreiras enfrentadas pelas jogadoras de futebol e de futsal na cidade de Taquara. Para atender ao objetivo geral, buscou-se com os objetivos específicos: verificar os espaços existentes no município de Taquara que ofertavam futebol e futsal para meninas e mulheres; identificar as barreiras e preconceitos enfrentados pelas mulheres dentro do ambiente futebolístico; analisar quais são os fatores que estimulam a mulher a lutar pelo seu espaço tanto no futebol quanto no futsal. Este estudo se caracteriza como pesquisa de natureza básica, com objetivo exploratório. A coleta de dados se deu em três abordagens, sendo aplicados três questionários. Os dados quantitativos foram avaliados através de análise estatística, já os dados qualitativos foram analisados percorrendo as seguintes etapas: pré-análise; exploração do material; e tratamento dos resultados. Após a análise, os dados foram sistematizados, na forma de gráficos e redação dos resultados, que foram utilizados juntamente com os achados da literatura nacional e internacional, como embasamento para analisar quais são os fatores que estimulam a mulher a lutar pelo seu espaço dentro do futebol e do futsal. Os resultados evidenciam que ainda há precariedade na oferta de espaços para prática do futebol de mulheres. Embora o preconceito seja menor do que alguns anos atrás, ainda se mostra como uma barreira, sobretudo no ingresso de meninas para a modalidade. Durante o estudo foi possível verificar que há um aumento na produção acadêmica a respeito do tema, haja vista que os debates acerca de mulheres, gênero e esporte estão ganhando maior espaço nas mídias, o que torna pertinente a realização de novos estudos.

Palavras-chave: Mulheres. Futebol. Futsal. Gênero. Preconceito. Esporte.

ABSTRACT

The main theme of this study is an analysis aimed at mapping the condition of women's football in Taquara, as well as understanding the factors that influence the low number or absence of spaces to promote the practice of football and futsal by girls and women. Furthermore, it seeks to identify the causes of prejudice and the barriers faced by female football and futsal players in the city of Taquara. To meet the general objective, specific objectives are to verify the existing spaces in the municipality of Taquara that include girls and women who play football and futsal; Identify the barriers and prejudices faced by women within the football environment; Analyze the factors that encourage women to fight for their space in both football and futsal. This study is characterized as basic research, with an exploratory objective. Data collection took place in three approaches, with three questionnaires being applied. Quantitative data were evaluated through statistical analysis, while qualitative data was analyzed through the following stages: Pre- analysis; Exploration of the material; and Treatment of results. After the analysis, the data were systematized, in the form of graphs and writing of results, which were used together with findings from national and international literature, as a basis for analyzing which are the factors that encourage women to fight for their space within the football and futsal. The results show that there is still a precarious supply of spaces for women's football. Although prejudice is lower than it was a few years ago, it still appears to be a barrier, especially when girls enter the sport. During the study it was possible to verify that there is an increase in academic production on the topic, given that debates about women, gender and sport are gaining more space in the media, which makes it pertinent to carry out new studies.

Keywords: Women. Soccer. Futsal. Gender. Prejudice. Sport.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização do município de Taquara - RS.....	15
Figura 2 - Região Vale do Paranhana	16
Figura 3 - Distribuição salarial de jogadores profissionais de Futebol no Brasil	36
Figura 4 - Fator determinante para frequentar escolinha de futebol.....	39
Figura 5 - Faixa de renda familiar sem considerar a renda do atleta	42

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de publicações por ano.....	25
Gráfico 2 - Número de Publicações por país.....	26
Gráfico 3 - Número de Publicações por Continente	26
Gráfico 4 - Número de Artigos por Base de dados.....	27
Gráfico 5 - Número de Artigos por área de conhecimento	28
Gráfico 6 - Busca por treinamento de futebol ou futsal	60
Gráfico 7 - Permanência nas escolas	61
Gráfico 8 - Acompanhantes das meninas	62
Gráfico 9 - Idade das meninas	62
Gráfico 10 - Treinamento em times com meninos.....	63
Gráfico 11 - Conhecimentos prévios sobre futebol	64
Gráfico 12 - Percepção sobre preconceito.....	65
Gráfico 13 - Preconceito por parte dos responsáveis dos meninos	65
Gráfico 14 - Motivações para procura do esporte	69
Gráfico 15 - Orientação sexual e preconceito	70
Gráfico 16 - Percentual que assiste jogos.....	70
Gráfico 17 - Conhecimento sobre jogadoras profissionais	71
Gráfico 18 - Prática do esporte por familiares	71
Gráfico 19 - Frequência de prática.....	72
Gráfico 20 - Quantidade de pessoas próximas que praticam.....	72
Gráfico 21 - Preferência de gênero para parceria de jogo	73
Gráfico 22 - Preconceito por jogar futebol/futsal	78
Gráfico 23 - Influencia do esporte na orientação sexual	79
Gráfico 24 - Espaço para meninas e mulheres no esporte	80
Gráfico 25 - Pensamento sobre deixar o esporte em razão do preconceito.....	82
Gráfico 26 - Soluções para maior participação de meninas e mulheres	86

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Síntese das publicações no período de 2000 a 2021	22
Quadro 2 - Fatores que levam, o aluno a faltar os treinos nas escolas de futebol ...	38
Quadro 3 - Participantes do Questionário 1	58
Quadro 4 - Participantes do questionário 2 e 3	59

LISTA DE ABREVIATURAS

CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CND	Conselho Nacional de Desportos
CONMEBOL	Confederação Sul-Americana de Futebol
FACCAT	Faculdades Integradas de Taquara
FIFA	Federação Internacional de futebol
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UTF	União Taquarense de Futsal

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 UMA REVISÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA CONTEMPORÂNEA	21
3 FUTEBOL COMO FENÔMENO NACIONAL	29
3.1 Escolas de futebol e futsal no Brasil	32
3.2 Fatores que motivam a participação de crianças em Escolas de futebol ...	35
3.3 Fatores que influenciam o desempenho na formação de atletas de futebol	40
3.4 Futebol feminino no Brasil.....	43
3.5 Gênero	49
4 MENINAS E MULHERES NO FUTEBOL: análise e discussão dos dados	54
4.1 Caracterização do local de pesquisa	54
4.2 Caracterização dos participantes.....	57
4.3 Gestores, professores e treinadores de futebol ou futsal.....	60
4.4 Mulheres praticantes de futebol ou futsal e familiares de meninas que praticam futebol ou futsal	68
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS	91
APÊNDICE A - Questionário para mulheres praticantes e familiares de meninas	98
APÊNDICE B - Questionário para instituições.....	100
APÊNDICE C - Entrevista Semiestruturada.....	102
ANEXO A - TCLE - Atletas e familiares	103
ANEXO B - TCLE - Professores e treinadores.....	106

1 INTRODUÇÃO

O futebol é o esporte mais popular do mundo, segundo aponta a Federação Internacional de futebol (FIFA), com cerca de 4 bilhões de simpatizantes e aproximadamente 270 milhões de profissionais diretamente ligados ao esporte. No Brasil, o esporte foi trazido pelo estudante brasileiro Charles Muller em 1894. Desde então, o esporte, que inicialmente era praticado pela elite do país, foi crescendo exponencialmente, sendo acessado pelas camadas mais pobres da população. E assim, foi dado início aos primeiros clubes de futebol, ginásios e competições.

Com o futebol ganhando notoriedade e adeptos em todo território nacional, e tornando-se o esporte mais praticado a partir da década de 30, os clubes preocupavam-se cada vez mais em ter melhores jogadores para vencerem suas partidas, mantendo seus torcedores aficionados.

Embora, no Brasil, o futebol tenha se tornado profissão apenas no ano de 1933, antes mesmo dessa regulamentação, há relatos nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro de jogadores, até então amadores, recebendo dinheiro como forma de incentivo para ganharem suas partidas de futebol (Bretas, 2006).

Todavia, a representação por meio das mídias se deu de forma amplamente relacionada à prática masculina do esporte. Mulheres praticantes de futebol enfrentaram muitos desafios para seguir na carreira esportiva, sofrendo preconceitos e questionamentos acerca da sua participação no espaço futebolístico.

O preconceito e a discriminação contribuem com a visão de esporte masculinizante, pois ao ser praticado por mulheres, provoca a desaprovação de parte da sociedade. Lamentavelmente, mesmo com o aumento da prática do futebol, também nos espaços escolares, o preconceito não deixou de existir (Darido, 2002).

Diante disso, faz-se necessário entender o conceito de gênero, ponto fundamental para a compreensão de como os impedimentos sofridos por mulheres se relacionam diretamente com o termo. Assim, gênero compreende as preferências, escolhas, comportamentos, e interesses do indivíduo, conflitando a ideia de corpo imutável ou fixo, nasce homem e morre homem, nasce mulher e morre mulher. Essa definição não se encontra no dicionário, discussão que Louro

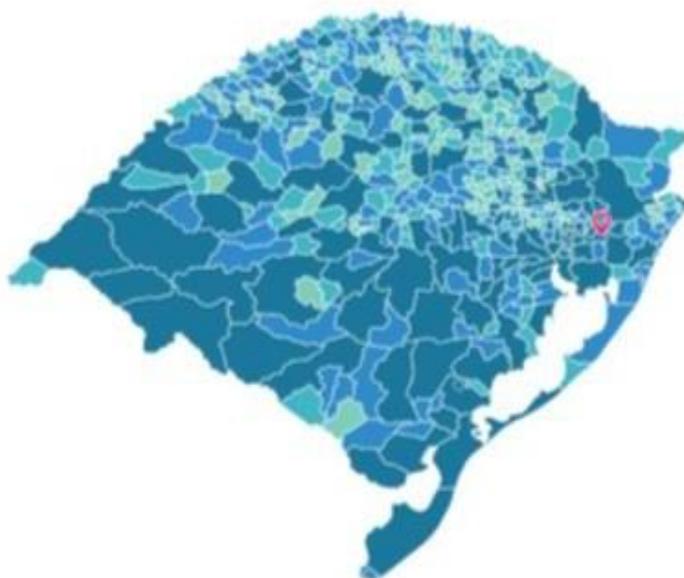
(1997) retrata ao dizer que no sentido específico, gênero não aparece no Aurélio.

Gênero pode ser entendido também como uma categoria analítica e como um organizador social e de cultura. Scott, Louro e Silva (1995) definem que a categoria analítica de gênero se refere ao conceito acadêmico e está apoiada nas rejeições acerca das explicações biológicas para as desigualdades sociais.

Mulheres no futebol/futsal, em geral, ainda são vistas de forma preconceituosa. Essa visão se apoia na cultura de que mulheres são naturalmente frágeis e sensíveis porque nasceram para a maternidade, e as que se opõem a isso têm sua sexualidade questionada. Historicamente mulheres não recebem o mesmo espaço na sociedade quando comparadas aos homens. Por essas razões o estudo pretende realizar um mapeamento acerca da condição da prática do futebol feminino em Taquara, bem como compreender os fatores que influenciam o baixo número ou a ausência de espaços para a promoção da prática do futebol e do futsal por meninas e mulheres e se as meninas e mulheres praticantes da modalidade recebem as mesmas oportunidades/que os jogadores do sexo masculino.

Taquara é um município da região metropolitana de Porto Alegre, localizado na encosta inferior do nordeste do Rio Grande do Sul (figura 1), com colonização predominantemente alemã, o município tem como características sua privilegiada localização geográfica, sendo ponto de ligação entre as regiões da Serra Gaúcha, Litoral Norte, Região Metropolitana e Vale do Sinos.

Figura 1 - Mapa de localização do município de Taquara - RS



Segundo Barros (2005) a colonização oficial da região ocorreu a partir de 16 de Maio de 1846, com a imigração alemã, contudo parte da região era ocupada por Portugueses, que foram se instalando nas proximidades das águas navegáveis e estrada de tropeiros.

Há duas versões sobre a origem do nome Taquara. A primeira delas trata da colonização portuguesa na região que realizava o plantio de taquaras nas colônias. Para os imigrantes alemães, essas pessoas eram chamadas de portugueses plantadores de taquara. A segunda versão diz respeito a origem etimológica do nome do município, que segundo Aguiar e Casado (1986), se deve ao volumoso taquaral nativo às margens do arroio Taquara, afluente do rio Santa Maria, denominado posteriormente como rio Paranhana.

O município dista 72 quilômetros da capital, Porto Alegre, fazendo divisa com os municípios de Araricá, Glorinha, Gravataí, Igrejinha, Parobé, Rolante, São Francisco de Paula, Santo Antônio da Patrulha. Segundo dados do último censo IBGE, em 2010, sua população é de 54.643 habitantes, sendo que as estimativas populacionais apontam que, em 2022, a população aproximada do município seja de 57.584 habitantes. O município possui uma área de 457,130 quilômetros quadrados e possui densidade demográfica de 119,5 hab/Km².

Taquara está situada no Vale do Paranhana, uma microrregião que é composta pelos municípios de Igrejinha, Parobé, Riozinho, Rolante, Três Coroas e Taquara (figura 2). A região foi predominantemente colonizada por alemães, em virtude do fluxo imigratório ocorrido na primeira metade do século XIX.

Figura 2 - Região Vale do Paranhana



Fonte: <https://cultura.rs.gov.br/>

O território de Taquara integrou a Sesmaria - sistema de normatização para distribuição de terras com fins agrícolas - concedida em 1814 a Antônio Borges de Almeida Leães. As terras foram vendidas para Tristão José Monteiro em 04 de Setembro de 1846. O município surgiu quarenta anos mais tarde, em 17 de Abril de 1886, com o nome de Taquara do Mundo Novo. Com o Decreto Estadual 1.404, de 10 de Dezembro de 1908, a então vila de taquara tornou-se oficialmente uma cidade.

O presente estudo se caracteriza como pesquisa de natureza básica, com objetivo exploratório. Segundo Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa básica objetiva a produção de novos conhecimentos, sendo esses úteis para a ciência, não visando a aplicação prática neste tipo de pesquisa. Todavia, envolve verdades e interesses universais. Já a pesquisa exploratória, segundo Cervo, Bervian e Silva (2007) tem como objetivo a busca por mais informações sobre determinado tema. Esse tipo de estudo visa à familiarização de um fenômeno e desse modo contribui para a obtenção de novas percepções e descobertas.

A pesquisa quantitativa deve traduzir em números opiniões e informações, para que sejam realizadas análises dos dados e conclusões. A pesquisa qualitativa, por sua vez, visa descrever o objeto de estudo com mais profundidade, para, dessa forma, obter informações subjetivas, como motivações, ideias e atitudes dos indivíduos (Mascarenhas, 2012).

A coleta de dados se deu em três abordagens, sendo aplicados três questionários. No primeiro questionário, mulheres que praticam futebol e futsal e familiares de meninas que praticam um dos dois esportes responderam questionamentos sobre aspectos que levam meninas e mulheres a praticar futebol e futsal, bem como sobre os preconceitos enfrentados e o apoio ou desapoio para com as mesmas, em perguntas com múltipla escolha. Os participantes do estudo assinalaram de forma objetiva as perguntas. Havendo ao final do questionário duas perguntas abertas, para que os participantes pudessem desenvolver de forma mais ampla suas respostas acerca da temática abordada.

Na segunda parte, o questionário foi aplicado com gestores, professores e treinadores de escolas e centros de treinamento de futebol e futsal. Os participantes assinalaram de forma objetiva as perguntas sobre a frequência com que meninas procuram os espaços destinados a essas práticas desportivas, como são recebidas

as meninas que frequentam essas escolas de futebol e futsal, se o desempenho das mesmas é superior ou inferior ao dos meninos de mesma idade, qual tempo em média elas permanecem nessas escolas de futebol e futsal. Da mesma forma que foi desenvolvido o questionário anterior, duas perguntas abertas foram incluídas ao final do questionário.

O terceiro questionário foi direcionado à mulheres que praticam futebol e futsal e aos os familiares das mesmas, contendo questões que tratavam dos preconceitos relacionados ao futebol feminino, à ausência de espaços que promovam a prática do futebol e futsal por meninas e mulheres. As perguntas foram abertas para que possam discorrer sobre o que pode ser feito para que haja mudança desta realidade.

Os participantes foram submetidos aos questionários por meio do formulário eletrônico do *Google Forms*. Após está etapa as participantes responderam questões abertas e fechadas com o intuito de conhecer a realidade vivida por meninas e mulheres no ambiente futebolístico. O questionário foi aplicado de modo *online*. O link para acesso ao questionário foi enviado aos participantes após contato prévio onde os mesmos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) concordando em participar da pesquisa.

Os participantes abordados neste estudo foram mulheres que praticam futebol ou futsal e familiares de meninas praticantes de futebol ou futsal, sendo consideradas para fins de análise dos dados, mulheres as que possuem mais de dezoito anos e meninas as que possuem menos de dezoito anos. Além de gestores e professores de escolinhas de futebol ou futsal que tenham entre 18 e 60 anos e que residiam no Vale do Paranhana.

De acordo com Fontanella, Ricas e Turato (2008), a pesquisa qualitativa se utiliza da amostragem por saturação de dados, utilizando o fechamento da amostra que descarta a necessidade de novos participantes, evitando assim, a condução repetida de dados no estudo.

Os dados quantitativos foram avaliados através de análise estatística, já os dados qualitativos foram analisados à luz de Laurence Bardin (2011). Segundo a autora a análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos

(conteúdos e continentes) extremamente diversificados|| (Bardin, 2011, p. 15).

A fim de atender os critérios metodológicos propostos por Bardin (2011), os dados qualitativos serão analisados percorrendo as seguintes etapas:

- a) Pré-análise: a pré-análise terá como objetivo organizar e sistematizar os dados que foram coletados através das entrevistas semiestruturadas realizadas com mulheres que praticam futebol, gestores de desporto municipal, professores e treinadores de escolas de futebol. Essas entrevistas foram transcritas e a partir das transcrições foram realizados os seguintes passos: leitura flutuante; escolha do material a ser submetido à análise (construção do corpus), obedecendo às regras de exaustividade, representatividade, homogeneidade, pertinência e exclusividade; conexão do material com as hipóteses e objetivos da pesquisa; e por fim, a elaboração dos indicadores que irão embasar a interpretação final;
- b) Exploração do material: nessa etapa será realizada a codificação (contagem das idéias repetidas e a enumeração de situações que aparecem de forma recorrente) e a categorização (organização dos dados brutos, através do agrupamento, em tabelas, dos elementos que possuem características comuns);
- c) Tratamento dos resultados: nessa fase ocorrerá a condensação e o destaque das informações para que sejam analisadas, resultando nas interpretações inferenciais.

Após a análise, os dados foram sistematizados, na forma de gráficos e redação dos resultados, que foram utilizados juntamente com os achados da literatura nacional e internacional, como embasamento para analisar quais são os fatores que estimulam a mulher a lutar pelo seu espaço dentro do futebol e do futsal.

Os participantes da pesquisa consentiram em participar do estudo através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foi garantido aos participantes da pesquisa que as informações coletadas serão utilizadas somente para fins acadêmico e científicos, garantindo aos mesmos o caráter de livre participação na pesquisa e o anonimato dos participantes na divulgação dos resultados do estudo. Os documentos e dados obtidos serão arquivados pelo período de 5 anos.

O presente estudo segue as determinações da resolução nº 510, de 2016, e suas complementares, referente às pesquisas com seres humanos. Diante disso, foi submetido na Plataforma Brasil e devidamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT).

Este estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), bem como os questionários aplicados e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com aprovação do CEP das Faculdades Integradas de Taquara, sob Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 70455523.8.0000.8135.

2 UMA REVISÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA CONTEMPORÂNEA

Este capítulo de revisão sistemática reúne contribuições sobre a relação que se estabelece entre Mulheres, Futebol e Gênero. Consoante Jung (2004), pesquisas dessa natureza devem descrever, analisar e discutir os conhecimentos científicos já publicados.

Na presente pesquisa foram utilizados quatro critérios de inclusão, sendo necessário para que o artigo integre essa revisão:

- (i) conter a expressão "Futebol" ou "Mulher" no título;
- (ii) conter as expressões "Futebol" e "Mulher" em qualquer parte do trabalho;
- (iii) ter sido publicado em Português ou inglês; e,
- (iv) ser artigo científico.

Esta pesquisa estabeleceu como base publicações de artigos datados a partir do ano 2000. Em uma segunda etapa, os critérios de inclusão foram aplicados sobre as seguintes bases de dados: (i) Scielo, (ii) Periódicos CAPES e (iii) Scopus. Isso permitiu, em um primeiro momento, a inclusão de aproximadamente mil artigos que satisfaziam os critérios de inclusão, feita uma triagem entre os 100 primeiros, foram descartados os trabalhos que não se referiam especificamente a relação entre Mulheres, Futebol e Gênero.

Desta forma, restaram 31 trabalhos para a realização deste estudo. A partir da leitura dos artigos selecionados construiu-se uma planilha eletrônica como instrumento de organização das seguintes informações:

- (i) título;
- (ii) autores;
- (iii) periódico;
- (iv) palavras-chave;
- (v) percepção de gênero.

Na classificação dos artigos selecionadas quanto à área de publicação, considerou-se a área de conhecimento do periódico em que foi publicado.

Após a coleta de dados, foram conceituados e analisados os constructos objetos desse estudo, bem como foram relacionadas as percepções dos autores acerca dos mesmos e as implicações mais pertinentes ao tema, de modo que os conteúdos integrantes dessa síntese se referem a:

- (i) ao entendimento de gênero;
- (ii) aos impedimentos da mulher enquanto praticante de futebol;
- (iii) preconceitos e barreiras enfrentadas por mulheres praticantes de futebol.

Por fim, com vistas a facilitar a análise dos resultados, foram confeccionados gráficos que demonstram a origem das publicações (países e continentes), o ano em que a pesquisa foi publicada e a área de publicação.

O Quadro 1 apresenta uma síntese das publicações, em ordenação cronológica, utilizada durante a revisão da literatura. Esse quadro relaciona cada publicação ao país em que realizou-se a pesquisa e à área de publicação.

Quadro 1 - Síntese das publicações no período de 2000 a 2021

Ano	Autores	Título	Área de Publicação	País
2000	ANJOS, Gabriele dos.	Identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências	Sociologia	Brasil
2000	NICHOLSON, Linda.	Interpretando o gênero.	Ciências sociais	Estados Unidos
2000	BUTLER, Judith.	Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo" .	Ciências sociais	Estados Unidos
2001	LAQUEUR, T; WHATELY, V.	Inventando o sexo.	Ciências sociais	Estados Unidos
2003	NUNAN, Adriana.	Homossexualismo - Do Preconceito aos Padrões de Consumo.	Ciências sociais	Brasil
2003	NICHOLSON, Linda.	La interpretación del concepto de género.	Ciências sociais	Estados Unidos
2004	ROSA, Marcelo Victor da et al.	EDUCAÇÃO FÍSICA E HOMOSSEXUALIDADE: investigando as representações sociais dos	Ciências sociais	Brasil

		estudantes do centro de desportos/ufsc.		
2005	DEVIDE, F. P.	Gênero e Mulheres no Esporte: História das Mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos	Ciências sociais	Brasil
2005	SCOTT, J	O enigma da Igualdade. Estudos Feministas.	Ciências sociais	Estados Unidos
2006	BRETAS, A.	O "football" e a "barbaria de atitudes": a visão de Otto Prazeres em 1944. In: X Congresso Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física e Dança	Ciências do Esporte	Brasil
2006	CARMONA, Lédio & POLI, Gustavo.	Almanaque do Futebol.	Ciências do Esporte	Brasil
2009	IANNI, F.	"O profissionalismo do futebol brasileiro: uma abordagem histórica."	História	Brasil
2010	PROCHNIK, L.	O futebol na telinha: a relação entre o esporte mais popular do Brasil e a Mídia	Ciências sociais	Brasil
2010	VOSER, Rogério da Cunha et al.	Futebol: História, técnica e treino de Goleiro.	Ciências do Esporte	Brasil
2011	SOARES, Antonio Jorge Gonçalves et al.	Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola.	Ciências do Esporte	
2012	SCOTT, Joan.	Gênero: uma categoria útil de análise histórica	Ciências sociais	Estados Unidos
2013	GUTERMAN, Marcos.	O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país	História	Brasil
2013	SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; DRUMOND, Maurício.	Histórias do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões	História	Brasil
2014	BARBOSA, J. S. A, GARRIDO L. J. S.	Pênalti: a história que o futebol não conta	Ciências sociais	Brasil
2015	BUTLER, Judith	Judith. Relatar a si mesmo	Ciências sociais	Estados Unidos
2016	Nina Clara Tiesler	Three types of transnational players: differing women's football mobility projects in core and developing countries	Ciências sociais	Alemanha

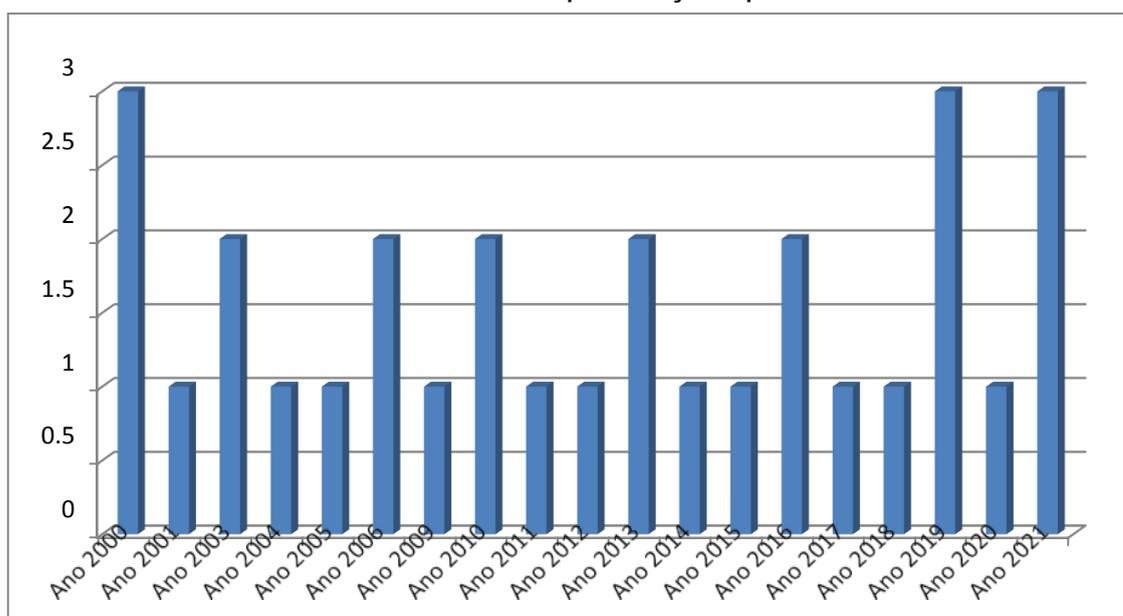
2016	BUTLER, Judith.	Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade	Ciências sociais	Estados Unidos
2017	SANTIAGO, Tiago Costa.	Questões de gênero e sexismo na prática do futsal feminino na escola	Ciências sociais	Brasil
2018	SVENSSON, Daniel; OPPENHEIM, Florence.	Equalize It!:_Sportification'and the Transformation of Gender Boundaries in Emerging Swedish Women's Football, 1966- 1999.	História	Suécia
2019	ALMEIDA, Caroline Soares.	O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do Futebol Feminino no Brasil.	Ciências sociais	Brasil
2019	STRIDE, Annette; DRURY, S.; FITZGERALD, H.	'Last goal wins': re/engaging women of a 'forgotten'age through football?	Ciências do Esporte	Reino Unido
2019	WILLIAMS, Jean.	We're the lassies from Lancashire': Manchester Corinthians Ladies FC and the use of overseas tours to defy the FA ban on women's football.	História	Reino Unido
2020	LYSA, Charlotte.	Fighting for the right to play: Women's football and regime-loyal resistance in Saudi Arabia.	Ciências sociais	Arábia Saudita
2021	MARTINS, Mariana Zuaneti; SILVA, Kerzia Railane Santos; VASQUEZ, Vitor.	As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil	Ciências sociais	Brasil
2021	MOREIRA, Verónica; GARTON, Gabriela..	FÚTBOL, NACIÓN Y MUJERES EN ARGENTINA: REDEFINIENDO EL CAMPO DEL PODER.	Ciências sociais	Argentina
2021	DRURY, Scarlett et al.	'I'm a Referee, Not a Female Referee': The Experiences of Women Involved in Football as Coaches and Referees	Ciências sociais	Reino Unido

Fonte: elaborado pelo autor

A maior parte das publicações que relacionam diretamente a mulher no ambiente futebolístico está concentrada nos anos de 2019, 2021, ou seja, nos

últimos 3 anos, somando 22,58% dos artigos selecionados, indicando que houve um aumento no interesse pelo estudo do tema, o que pode evidenciar o reconhecimento da pertinência do mesmo (ver gráfico 1).

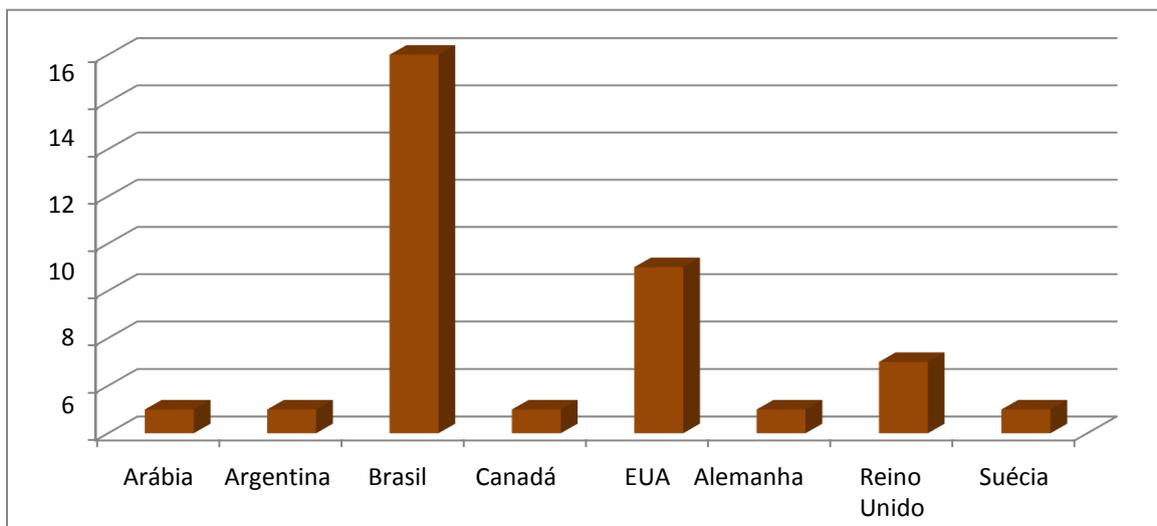
Gráfico 1 - Número de publicações por ano



Fonte: elaborado pelo autor

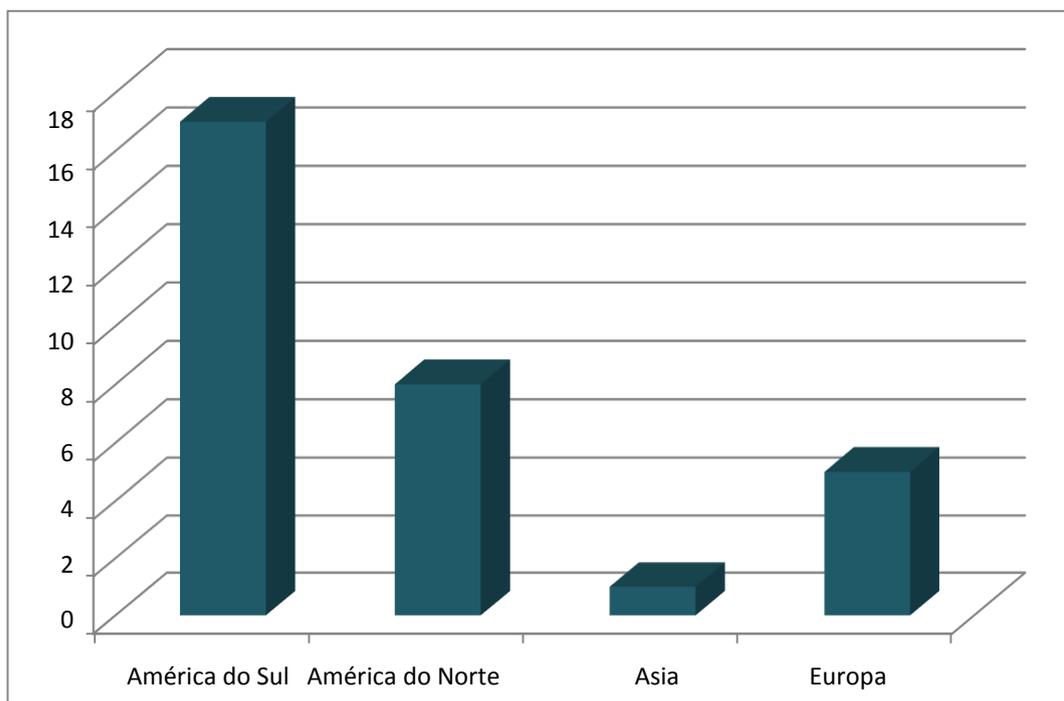
Importa mencionar que o país no qual há maior concentração de publicações é o Brasil, com 51,61% dos artigos selecionados, seguido por Estados Unidos 25,81% e o restante nos seguintes países: Reino Unido, Argentina, Arábia, Portugal, e Turquia (ver gráfico 2). Este dado vai ao encontro do número de publicações por continente sendo a América o continente com a maioria dos artigos selecionados (ver gráfico 3).

Gráfico 2 - Número de Publicações por país



Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 3 - Número de Publicações por Continente



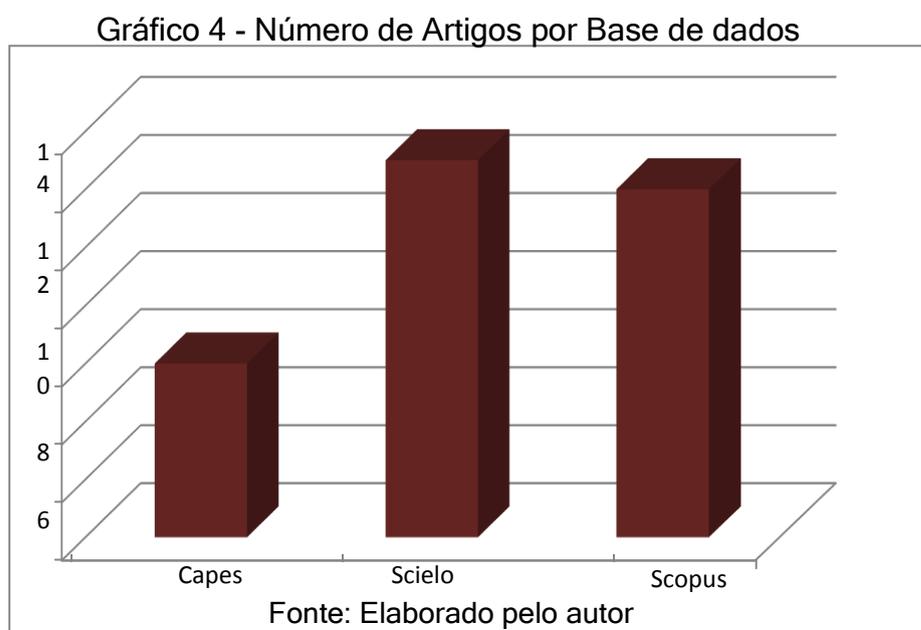
Fonte: elaborado pelo autor

Portanto, ficou evidenciado que 51,61% das publicações estão concentradas no Brasil, o que representa mais do que o dobro do segundo país em número de publicações, Estados Unidos com 22,58% sendo que as demais publicações estão

distribuídas nos seguintes países: Reino Unido, Argentina, Arábia, Canadá e Suécia.

Nesse ponto é importante destacar que 54,84% das publicações selecionadas concentram-se no Continente Sul-Americano e dizem respeito, por exemplo, aos preconceitos quanto às questões de gênero e como isso influencia a prática de futebol. Expressam essas ideias os autores Almeida (2012) e Goellner (2005), dentre outros. A América do Norte concentra 25,81% e a Europa 16,13% dos artigos selecionados.

Cabe ressaltar que o maior número de publicações se concentrou na plataforma Scielo (gráfico 4), visto que a mesma teve maior número de artigos diretamente relacionado ao tema.



Como pode-se observar no Gráfico 5, a maior parte dos artigos foram publicados em periódicos das áreas das Ciências Sociais (61,29%), História (19,35%) Ciências do Esporte (16,13%) e Sociologia (3,23%).

Gráfico 5 - Número de Artigos por área de conhecimento

Fonte: Elaborado pelo autor

3 FUTEBOL COMO FENÔMENO NACIONAL

Atualmente a origem do futebol não possui uma data precisa. Porém, inúmeras são as histórias contando o surgimento da modalidade. Segundo Morelli (1986 *apud* Voser, 2010, p.17), há contrariedade a respeito do surgimento do futebol, em razão dos registros de jogos com bolas adaptadas que eram disputados na Antiga China, Japão Antigo, Grécia e Itália.

Segundo Carmona e Poli (2006), os jogos eram práticas militares realizadas a fim de manter soldados em preparo para as guerras. As bolas eram crânios de inimigos abatidos em batalhas, chutadas entre estacas cravadas ao solo.

Todavia, os jogos que surgiram como ancestrais ao futebol, não podem ser considerados como o esporte que conhecemos hoje, haja vista a ausência de regras que possam assemelhar os antigos jogos com o da modalidade atual.

De acordo com Barbosa e Garrido (2014), o futebol como esporte começou a surgir em meados do século XVIII, na Inglaterra. É no país Europeu que o jogo foi sistematizado e organizado a partir de regras. Inicialmente o jogo era praticado por camponeses e operários. A popularidade da nova prática chegou às escolas inglesas, contrariando o desejo das autoridades escolares.

Além disso, divergências quanto ao desenvolvimento do jogo causaram impasses e conflitos, pois em alguns locais se permitia o uso de mãos e pés, em outros, somente o uso dos pés. Percebendo a necessidade de uma padronização de regras para o esporte, no ano de 1848, em Cambridge, uma conferência foi organizada a fim de estabelecer regras para a modalidade.

No entanto, Carmona e Poli (2006) descrevem que as divergências quanto a forma que o esporte devia ser realizado não cessaram, e em 26 de Outubro de 1863, na *Freemason's Tavern, na Great Queen Street*, cidade de Londres, numa reunião entre representantes de clubes, capitães e dirigentes de escolas, definiu-se a unificação de regras, fundando assim a *Football Association*.

No Brasil, o futebol chegou através do estudante Charles William Miller, filho de Carlota Alexandrina Fox Miller, brasileira, e de John Miller, engenheiro escocês que veio ao Brasil para trabalhar na *São Paulo Railway Company*, para construção e

aumento das ferrovias brasileiras no período que o café passava a se tornar importante mercadoria na exportação. Nesse período, o Brasil tinha domínio de 80% do mercado mundial (Guterman, 2013).

Como os pais de Charles se enquadravam em uma classe mais nobre, era comum enviar os filhos para a Europa a fim de que tivessem uma escolarização de padrão elevado devido a sua posição social. Esse fato fez com que, em 1884, Charles fosse morar na Europa, aos 9 anos de idade. Enviado para estudar na *Banister Court School*, em *Southampton*. Foi no colégio inglês que ele conheceu o futebol. Lá, desenvolveu habilidades e trouxe o esporte para o Brasil em 1894. Duarte (1993 *apud* Voser, 2010, p.22) descreve que décadas antes de Charles chegar ao Brasil com o futebol, já havia registros de marinheiros ingleses jogando e promovendo partidas de futebol em território brasileiro.

Contudo, Mazzoni (*apud* Santos; Drumond, 2013) relata que é a partir do retorno de Charles ao Brasil que com seus movimentos populariza a modalidade esportiva. E, assim, o futebol começa a ter maior notoriedade no país, sendo Charles considerado o pai do futebol no Brasil.

Sobre o assunto, Ianni (2008) aponta que em sua origem, o futebol no Brasil foi um esporte elitista, praticado por brancos da alta sociedade do país. Em meio ao processo de popularização e caminhando para a profissionalização do esporte, os clubes se mantinham preconceituosos quanto aos jogadores que poderiam integrar suas equipes, mantendo restrições, sobretudo com negros e pobres para integrarem seus plantéis.

Essa realidade começou a se transformar apenas no ano de 1923, quando o Clube Vasco da Gama inseriu em seu elenco jogadores negros, pobres e analfabetos, contrariando toda elite carioca que primava pelo esporte elitizado. Coincidentemente, naquele mesmo ano, o Vasco da Gama sagrou-se campeão carioca. Essa quebra de paradigma abriu as portas para o acesso das camadas à margem da sociedade possibilitando que elas se tornassem protagonistas no futebol, e por consequência pudessem se profissionalizar, fazendo do esporte sua profissão (Santos, 2010).

Segundo Caldas (1989), a prática de remunerar jogadores antes mesmo do esporte se tornar profissão, retrata a popularidade e impacto social que o futebol

proporcionava desde seus primeiros anos.

A aristocracia brasileira resistia à profissionalização do futebol, pois via na remuneração dos atletas o fim da essência de um esporte destinado até então para a classe burguesa. A imprensa, por sua vez, se dividia entre apoiadores da profissionalização e os que concordavam em manter o esporte no amadorismo.

Esse impasse prejudicou o Brasil em suas duas primeiras participações em edições da Copa do Mundo. Em 1930, no Uruguai, a primeira Copa do Mundo contou com a participação de um Brasil desfalcado, pelos conflitos políticos entre cariocas e paulistas. A missão de representar o país na primeira Copa do Mundo coube a atletas do Rio de Janeiro, após os cariocas impedirem a participação de paulistas na comissão técnica. Já em 1934, a Copa realizada na Itália viu a seleção brasileira novamente desconfigurada, pois as brigas entre a utilização de atletas amadores e profissionais resultou em uma participação decepcionante da seleção canarinho (Duarte *apud* Voser, 2010, p.22).

Camargo (2002), explica que após a pausa por 12 anos, entre 1938 e 1950, em função da guerra que assolava o mundo, a edição da Copa do Mundo no Brasil, realizada em 1950, e vencida pela seleção uruguaia, marcava o retorno da competição mundial e colocava o futebol como maior esporte do planeta.

Prochnik (2010) salienta que, com a profissionalização, popularidade e grande adesão de público, o futebol passou a tornar-se um negócio lucrativo, atraindo investimentos da mídia e pagando altos salários aos melhores jogadores, os quais se tornavam celebridades e heróis do imaginário popular. Esse fenômeno nos ajuda a compreender o crescimento do esporte, fazendo com que o mesmo passasse a ser o esporte mais praticado no país, tornando o Brasil conhecido como país do futebol.

Segundo Guterman (2013) o futebol passou a ser fenômeno global. Equipes se mobilizavam para ter os melhores jogadores, para tanto, os altos salários eram pagos a fim de atrair os melhores desportistas. Ter o melhor futebol do mundo passou a ser objeto de desejo e, por isso, muitos países investiam em ligas e campeonatos, com clubes reunindo atletas de diversas nacionalidades.

Diante dessa perspectiva, Soares et al. (2011) afirma que muitos jovens brasileiros começam a sonhar com a possibilidade de atuar profissionalmente fora

do Brasil. Isso ocorre em virtude de existirem clubes e centros de treinamentos atentos ao mercado global, os quais passam a formar jovens com o intuito de estimular que potencializem suas carreiras em outros países.

Esse comportamento se sustenta com a grande visibilidade que a mídia proporciona e devido aos padrões salariais que, apesar de variarem de acordo com o destino dos atletas, em média são mais elevados que no Brasil. Foi então, a partir da Copa de 1950, que o futebol assumiu o papel de destaque que continua até os dias de hoje e que o consolida como esporte mais popular do mundo.

3.1 Escolas de futebol e futsal no Brasil

O futebol é visto como o caminho mais curto para uma mudança da realidade econômica. Ter destaque nesse esporte possibilita uma real oportunidade de alcançar a independência financeira. Entretanto, a representação de esporte milionário, que coloca o futebol como sonho de crianças e jovens, é alcançada por uma parcela mínima da população.

Segundo os dados disponibilizados pela CBF, dos mais de 360 mil atletas registrados, cerca de 75% nem sequer encontram clubes e não têm o futebol como principal fonte de renda. Os atletas que ingressam em escolas de futebol ou clubes visando uma carreira promissora enfrentam dura concorrência e apenas uma minoria alcança os desejados salários astronômicos do mundo do futebol.

Após o grande sucesso da participação dos negros, de pobres advindos de periferias e demais membros da sociedade que não integravam a elite, o futebol tornou-se de fato um esporte popular, com clubes buscando jogadores para integrar seu elenco com base no seu desempenho dentro de campo, e não mais considerando aspectos sociais e econômicos.

É nesse momento que os grandes clubes foram buscar na periferia e nos times pequenos bons jogadores. Dessa forma, jogar futebol deixava de ser um esporte nobre para a elite; passara a ser uma atividade grosseira. O prestígio que a elite dava ao futebol foi sumindo rapidamente. Em pouco tempo, o futebolista perdeu a imagem do homem fino, de elite, e passou a ser visto como um marginal da sociedade. A essa altura, o futebol estava bem perto da

profissionalização. Embora isso já ocorresse, mas de forma não declarada (Caldas, 1989).

Valentim e Coelho (2005) destacam o surgimento das escolas de futebol, na década de 60, a partir do fenômeno de impacto social causado pela profissionalização e popularidade do futebol. As escolinhas de Futebol surgem visando formar atletas para se tornarem jogadores de futebol, direcionando os mais talentosos para os clubes profissionais a fim de dar seguimento na profissão de jogador de Futebol.

Posto como um caminho mais curto para uma mudança da realidade econômica da família, o esporte mais popular do planeta é visto como a possibilidade real de conseguir dinheiro e fama em um curto espaço de tempo. Freire (2000) salienta que, em muitas vezes, crianças e adolescentes são orientados a frequentarem as escolinhas de futebol por influência de ex-jogadores, professores ou técnicos, não necessariamente por desejo próprio.

Cruz (2011) retrata a importância de compreender os fatores que levam uma criança ou adolescente a frequentar uma escolinha de futebol, sendo imprescindível para seu desenvolvimento entender se a procura pelo esporte é motivada por desejo próprio ou por imposição da parte de familiares.

Velho (1999) define o futebol como um projeto familiar na vida de crianças, sobretudo de periferias e situações de pobreza. Diante disso, quem consegue que o filho e/ou tutelado ingresse em escolas ou clubes de futebol, molda o ambiente familiar de acordo com a rotina necessária para que a criança ou o adolescente possa realizar seus treinos e nutrir vivo o sonho de se tornar atleta profissional de futebol, mudando a sua realidade e por consequência a da sua família.

A mídia também exerce importante papel de influência ao rememorar imagens de gols, dribles e jogadas de efeitos e lances dos craques que marcaram época, e isso serve de motivação para as novas gerações. Ela exhibe as faces de um futebol arte, evidencia a magia dos dribles, a finta e a malandragem como efeitos de uma simbologia de brasilidade.

Frisseli e Mantovani (1999) definem o futebol como o "rei dos esportes", pois o futebol favorece o desenvolvimento social por meio de ações colaborativas, seus

requisitos são básicos e ele possui diferentes funções possibilitando a inserção dentro da dinâmica do jogo.

Soares e Lovisolo (2003) relatam que o estilo de jogo brasileiro somado ao sentimentalismo propagado em torno da seleção brasileira são também motivadores para que surjam atletas buscando se tornarem profissionais.

Há ainda o mito que faz parte do discurso acerca do talento brasileiro, do dom nativo de quem nasceu em terras brasileiras, porém isso não garante nem tão pouco é o bastante para se alcançar uma carreira profissional. Damo (2005) preconiza que o talento enquanto ideologia do potencial não é suficiente para que se adquira o capital futebolístico que irá proporcionar o acesso a uma carreira profissional.

De acordo com estudo realizado por Viana (2015), onde foram acompanhados meninos e meninas em um ambiente de escola de futebol para verificar comportamentos, desempenho e reações geradas por meio da inserção de meninas ao jogo de futebol com meninos, constatou-se que os meninos têm o primeiro contato com o futebol muito antes que as meninas.

A iniciação ocorre nas ruas e a sistematização da mesma se dá no ambiente escolar, uma vez que esse processo ocorre geralmente antes dos dez anos de idade. Meninas em geral acabam tendo seu primeiro contato com o futebol nas escolas e após os dez anos de idade, constatando que em relação a meninos o futebol se apresenta de forma mais tardia.

Segundo Damo (2005), o futebol é culturalmente um esporte masculino, desse modo, questões simbólicas incentivam e geram compromissos para meninos com a prática de futebol desde sua infância ou até mesmo antes do seu nascimento.

Em contrapartida, para essa reflexão é importante entender como as questões de gênero explicam o tardio início das meninas no futebol, visto que elas não recebem os mesmos incentivos para que pratiquem o esporte.

Viana (2015) relata que não é natural meninos com a média de 10 anos não possuírem habilidades para jogar futebol. Porém, quando um menino não apresenta habilidades, apesar de chamar a atenção, o mesmo não é rejeitado pelos demais. O estudo apontou que o fato de um menino ter dificuldades para jogar futebol causa estranheza, entretanto, o maior espanto se dá quando o mesmo perde/perdia a posse da bola para uma menina.

O estudo apontou que as meninas em geral começam a jogar futebol a partir dos 12 anos de idade, com exceção de uma das meninas que começou aos 9 anos, jogando com meninos na rua. De acordo com o que observou Uchoga (2012), meninas com mais habilidade iniciaram sua prática no futebol na companhia de meninos, geralmente por desejo próprio e em ambientes informais.

Segundo pesquisa realizada por Altmann e Reis (2013) com atletas de futsal, as jogadoras relataram ter tido a iniciação esportiva antes dos 12 anos de idade, de modo que a mesma se deu na companhia de homens, sendo estes pais, irmãos, primos, amigos ou vizinhos, não ocorrendo em espaços formais de ensino.

Damo (2005) descreve a naturalização do futebol como prática masculina, de modo que se espera comportamentos diferentes para meninos e meninas, embora o futebol não seja um jogo sexuado, mas um jogo definido culturalmente como masculino. Dos meninos espera-se bom desempenho e aptidão para praticar futebol, com obtenção de domínio do jogo, contudo das meninas, não se criam expectativas em relação às habilidades relacionadas ao futebol.

3.2 Fatores que motivam a participação de crianças em Escolas de futebol

O Futebol como o esporte que conhecemos nos dias de hoje, não se assemelha em nada ao esporte que engatinhava para a profissionalização em meados da década de trinta. De acordo com Lovisolo (2011) o futebol nos seus primórdios era jogado em terrenos baldios, visto de forma mais natural e simples. Diferentemente da realidade atual, onde se compreende o futebol de uma forma mais ampla.

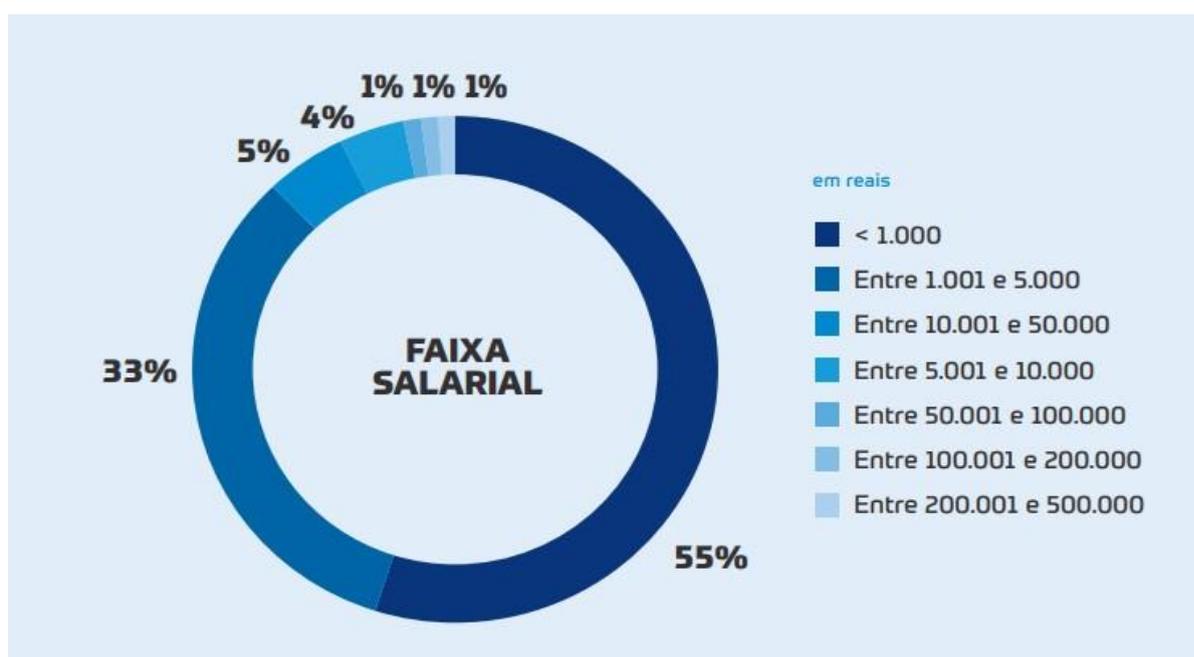
Visto como um produto cultural e altamente rentável, o futebol viu suas nuances mudarem ao longo dos anos. Acompanhando a evolução da ciência e modernização do entorno que contextualiza o futebol, o esporte também sofreu alterações em sua dinâmica. É o que aponta Prochnik (2010) classificando o futebol como produto a partir da popularidade que o mesmo alcançou.

Segundo Holanda e Medeiros (2019), para além das quatro linhas, o Futebol

teve enorme transformação, se reformulando desde as transmissões das partidas por rádios e televisões aos inúmeros patrocínios visando divulgação das marcas. Esse processo gerou maior receita para os clubes, que perceberam a oportunidade de modernizar também seus estádios, locais onde as partidas são realizadas. Com essa modernização os estádios passaram a ter torcedores considerados elitizados, que pagam um preço mais elevado nos ingressos, em relação ao preço cobrado para acesso aos antigos e precários estádios.

Com aumento das receitas há também um maior investimento nos protagonistas do jogo. Atletas são contratados por investimentos astronômicos e altos salários (figura 2). Segundo dados da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), mais de 52 Bilhões de reais foram movimentados com o futebol no Brasil.

Figura 3 - Distribuição salarial de jogadores profissionais de Futebol no Brasil



Fonte: Relatório oficial da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), 2017.

Contudo, o cenário de esporte milionário que coloca o futebol como desejo de crianças e jovens é alçado pela minoria dos jogadores profissionais. É o que mostram os dados disponibilizados pela CBF. Cabe ressaltar que dos mais de 360 mil atletas registrados, cerca de 75% nem sequer encontram clubes e não tem o futebol como principal fonte de renda.

Tendo em vista que apenas uma minoria alcança os tão desejados salários astronômicos no mundo do futebol, quem ingressa em escolas de futebol ou clubes visando uma carreira promissora enfrentará dura concorrência. Contudo, para tornar-se jogador profissional de futebol, necessariamente o atleta precisa possuir fundamentos básicos do jogo, adquiridos por meios de treinamentos.

Salvador (2005) enfatiza que a mídia exerce papel fundamental no resgate à tradição e manutenção da identidade do Futebol brasileiro. Rememorando imagens de gols, dribles e jogadas de efeitos e lances dos craques que marcaram época, para que sirvam de motivação a novas gerações. Trazendo faces de um Futebol arte, evidenciando a magia dos dribles, a fina e a malandragem, como efeitos de uma simbologia de brasilidade.

Nesse contexto surgem as escolinhas de futebol, com intuito de formar atletas para a profissionalização e inserção em clubes. Dentre as escolas de futebol Bach e Lovisolo (2010) ressaltam que há ainda uma subdivisão, entre os trabalhos com a iniciação esportiva e os trabalhos voltados ao alto rendimento, visando encaminhar o mais breve possível o atleta para um clube e posteriormente a assinatura de um contrato profissional.

Porém, o discurso acerca do talento brasileiro, do dom nativo de quem nasceu em terras brasileiras, não se faz unicamente suficiente para que se chega a uma carreira profissional. De acordo com Bach e Lovisolo (2010) o talento é um dom que precisa ser aliado à dedicação e à disciplina para que o atleta se mantenha competitivo e possa assim desenvolver-se e aprimorar questões fundamentais para o jogo como os aspectos técnicos e táticos. É o que ressalta o relato de um dos professores que participaram de pesquisa realizada por Bach e Lovisolo (2010):

O talento nasce com a pessoa, mas não adianta nada, se não houver disciplina, preparo e orientação. Essas coisas vêm com o treinamento. [...] O talento nasce, mas o treinamento desperta. [...] Não adianta o talento sem uma condução correta, é aí que entra o treinamento. (professor Antonio – núcleo de clube)

Amaral, Thiengo e Oliveira (2007), citam que a influência da mídia esportiva no enfoque ao sucesso alcançado por alguns dos principais jogadores, acabam por seduzir, de certa forma, jovens que vislumbram uma vida com maior *status* social, atrelados a melhor condição financeira, muitas vezes influenciados por seus pais, e

que enxergam na carreira de jogador de futebol profissional sua grande oportunidade.

Balzano (2012) relata que a rápida ascensão social por meio do esporte mexe com o imaginário das pessoas, exemplificando a carreira de um adolescente que, ao se destacar e ser visto como promissor em se tornar futuro jogador de futebol, pode se tornar milionário. Nesse prisma, merecem atenção também as inúmeras famílias em condição de pobreza nas quais os meninos jogam com o objetivo de conseguir, no Futebol, dinheiro para sustentar a família e oferecê-la uma boa qualidade de vida. Este fator aproxima camadas mais pobres da sociedade ao futebol, tornando-o cada vez menos elitista.

Quadro 2 - Fatores que levam, o aluno a faltar os treinos nas escolas de futebol

Alunos	Doença	Sair País	Aula/Estudo	Serviço doméstico	Lesão	Problema pessoal	Ausência material	Transporte
01	X							
02	X	X						
03								X
04	X		X	X				
05	X		X	X				
06	X	X	X		X			
07	X	X			X	X		
08	X						X	
09	X	X						

Fonte: (Squarcini; Silva; Morel, 2019).

Ao ingressarem nas escolinhas de Futebol, os futuros atletas evitam ao máximo faltar aos treinos, em virtude da alta concorrência na busca por uma oportunidade da carreira de jogador profissional. As faltas, em sua maioria, são geradas por motivos de doenças. É o que nos mostra os dados levantados em pesquisa feita por Squarcini, Silva e Morel (2019) (quadro 2) evidenciando as razões que implicam na ausência dos treinos de atletas de Escolas de Futebol.

Faltar aos treinos somente em casos de doença, reforça a importância que atletas em busca de uma carreira profissional dão às aulas nas escolas de futebol. Dados que se comunicam diretamente com os trazidos por Cruz (2011) que apontam o desejo de se tornar atleta profissional de Futebol como maior razão para que crianças frequentem escolas de futebol. Cruz (2011) ainda reforça que esse desejo vem do ambiente em que a criança está inserida, considerando que o sonho de tornar-se atleta profissional de futebol, geralmente, é direcionado e encaminhado pelos pais.

A assiduidade nos treinos e a busca por escolas de futebol e espaços para a formação de jogadores, é algo explicado também por Velho (1999), que define o Futebol como um projeto familiar na vida de crianças, sobretudo de periferias e situações de pobreza. Nesse contexto, o ambiente familiar se molda de acordo com a rotina necessária para que a criança possa realizar seus treinos e nutrir vivo o sonho de tornar-se atleta profissional de futebol, mudando a sua realidade e, por consequência, a realidade da sua família.

Figura 4 - Fator determinante para frequentar escolinha de futebol



Fonte: Cruz (2011)

Soares et al (2019) relata que o fascínio de crianças e jovens pelo futebol vem do grande suporte midiático que o esporte recebe. Sendo assim, o surgimento de escolinhas de futebol leva cada vez mais cedo para campos e clubes um alto número de crianças que almejam a oportunidade de tornarem-se jogadores profissionais de futebol.

Segundo Cruz (2011), o desejo de frequentar escolas de futebol com o intuito de tornar-se jogador profissional é uma atitude individual, mas há também uma expectativa e ambição familiar. Ou seja, a família incentiva as crianças a praticarem o esporte, enfatizando ainda a competição, sobretudo onde poderão ter vitória e divulgar seus feitos.

De acordo com Coelho, Machado, e Schutz (2021), o pai é o maior influenciador para o ingresso da criança no esporte, comparado aos demais membros da família e à escola. Dentre as escolhas, o futebol aparece como o mais popular dos esportes e, por conseguinte, o mais escolhido entre os esportes praticados por crianças e adolescentes.

No estudo realizado por Rodrigues (2004), as principais razões para que um atleta busque a carreira de jogador profissional de futebol, foi a crença em possuir dom para jogar futebol, ou seja, ter talento nato, somado à esperança de enriquecer através do futebol.

Desse modo, Negrão (1994) ressalta que muitos enxergam no futebol uma profissão que permite o acúmulo de muito dinheiro, caracterizando facilidades nas relações de trabalho, tendo a impressão que ser jogador de futebol, é "um mar de rosas".

3.3 Fatores que influenciam o desempenho na formação de atletas de futebol

No caminho até a carreira de jogador profissional, uma longa trajetória é percorrida. Para Marques e Samulski (2009), este processo de seleção é extremamente conflituoso, exigindo abdições por parte de quem deseja trilhar o

sonho de se tornar um jogador profissional de futebol.

Entre os obstáculos, destaca-se a separação da família e do seu meio social, a dificuldade encontrada para conciliação dos estudos e a alta exigência em relação ao desempenho em treinos e competições, trazendo constantemente à tona a incerteza quanto a continuidade de uma possível carreira de jogador profissional.

De acordo com Barros (2005), para se tornar um jogador profissional de futebol, de sucesso, que consiga conquistar títulos e altos salários, sendo assim prestigiado pela imprensa e ovacionado pela torcida, se faz necessário muitas horas de treino, abdicar de inúmeras coisas e manter-se constantemente dedicado à intensa rotina.

A carga horária dedicada ao futebol por um atleta em formação, muitas vezes se equipara, e em alguns casos ultrapassa, ao tempo dedicado à vida escolar (tabela 1). Melo (2010) afirma que o tempo de treinamento em categorias de base é aproximadamente o mesmo de adultos em equipes profissionais.

Deste modo, Melo (2010) reforça que os treinos de crianças e adolescentes, que visam a carreira profissional, são de extrema intensidade, exigindo que os mesmos ocupem boa parte do seu tempo se preparando para ser jogador, tempo que deixa de ser dedicado à escola. O autor relata ainda que essa prioridade dada aos treinos, em detrimento à escola, pode ser prejudicial ao indivíduo, podendo causar problemas no processo de escolarização.

Para exemplificar, o atleta que começa na categoria mirim aos 12 anos (idade equivalente ao sexto ano escolar) se completasse o ensino médio aos 17 anos (quando estaria no último ano da categoria sub-17) teria tido, uma carga horária de 4.800 horas na escola contra 4.165 horas de treinamento no futebol, sem contarmos os jogos nos finais de semana. Isso nos permite vislumbrar o significado do tempo gasto para a formação no futebol (Melo, 2010, p. 21).

Segundo o "Inventário de Stress no Futebol (ISF)" (Brandão, 2000), 77 fatores podem interferir no rendimento esportivo de atletas. Cabe destacar que fatores como "Conflito com familiares" e "Pressão de outras pessoas para ganhar" ficam à frente com "Derrotas no começo do torneio", "Treinar mal o coletivo final (apronto para a partida)" e "levar bronca do técnico no intervalo do jogo".

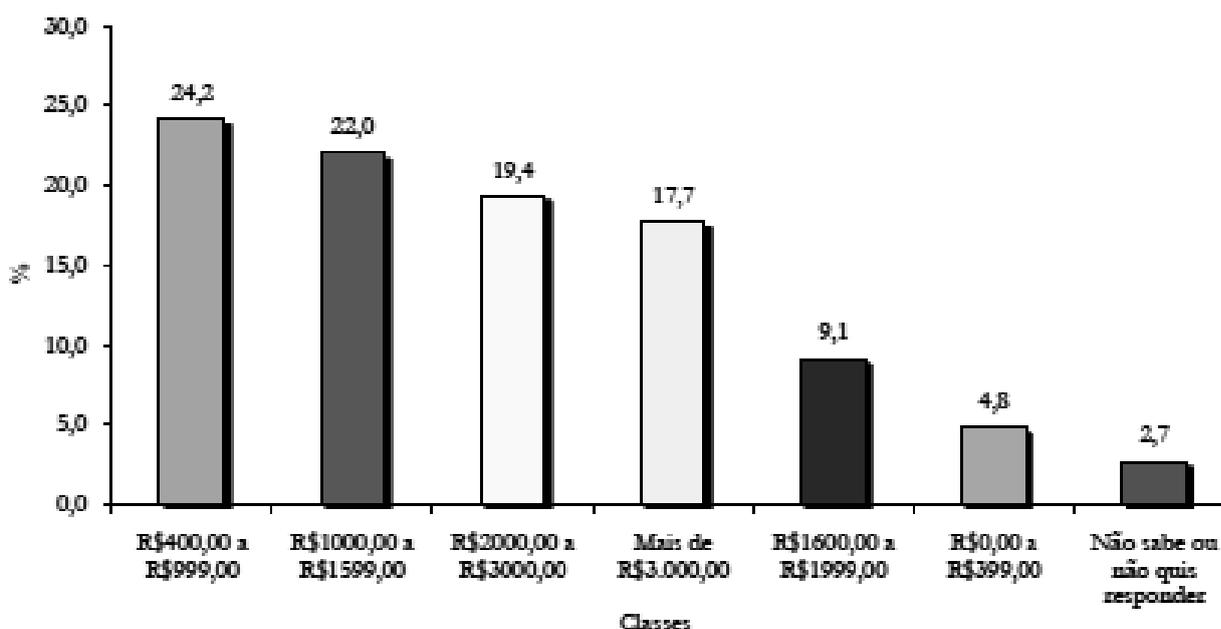
Tabela 1 - Carga horária anual de treinamento por categoria

Categoria	Faixa etária	Mínimo	Máximo	Média de horas anuais	Desvio Padrão
Mirim	13 anos	210,00	517,00	376,75	162,87
Pré-infantil	14 anos	264,00	564,00	434,16	130,13
Infantil	15 anos	528,00	799,00	650,50	119,90
Juvenil	16 e 17 anos	630,00	846,00	747,17	73,58
Júnior	18, 19 e 20 anos	752,00	1081,00	867,33	125,53

Fonte: (Marques; Samulski, 2009).

Esses resultados reforçam o panorama trazido por Santos (2012), que aponta a alta carga horária de treinamentos a qual crianças e adolescentes se submetem na tentativa de ingressar em uma carreira de futebol. Nesse sentido, a influência familiar com a expectativa que o tempo investido no esporte passa ser revertido em uma carreira profissional de sucesso, afeta diretamente o dia-a-dia do atleta em seu desenvolvimento dentro de campo.

Figura 5- Faixa de renda familiar sem considerar a renda do atleta



Fonte: (Marques; Samulski, 2009).

Os estudos de Marques e Samulski (2009) demonstram que 79,6% das famílias de atletas em categoria de base pertencem à classe média baixa. Fator que gera grande expectativa nas famílias para que se realize o objetivo do atleta em obter uma carreira como jogador de futebol.

O gráfico acima (figura 4) mostra que mais da metade dos participantes da pesquisa possuem renda familiar abaixo de 1.599,00, valor minimamente maior do que um salário mínimo, o que evidencia que, para além das dificuldades obtidas em qualquer esporte de rendimento, estes atletas enfrentam também dificuldades e limitações financeiras, que podem afetar diretamente seus desempenhos nos jogos, como na aquisição de material esportivo e alimentar.

3.4 Futebol feminino no Brasil

“País do futebol”, essa definição dada ao Brasil de forma recorrente é relatada por Martins, Silva e Vasquez (2021), que apontam a fala no senso comum, definindo o Brasil como o país do futebol. Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) (IBGE, 2017) apontam que o futebol é a modalidade esportiva mais praticada no país e isso reforça a prerrogativa.

Contudo, é preciso salientar que nesses dados que colocam o Brasil como país do futebol, as mulheres são contabilizadas para as estatísticas somente para um maior volume dos números absolutos. Entretanto, essa realidade não se repete quando se trata de investimentos, representação na mídia ou oferta para a prática e ensino da modalidade.

Desde sua chegada ao Brasil em 1894, o futebol foi praticado livremente por homens. Contudo, por se tratar de uma prática elitista, negros, pobres e mulheres não tinham acesso ao esporte. Na Inglaterra, em meados de 1880 já havia relatos de partidas de futebol feminino. Todavia, a primeira partida oficial entre mulheres, ocorreu em *Crouch End*, Londres, quando duas equipes foram divididas entre Norte e Sul para representar as duas partes da cidade.

Este fato foi somente um ano após o futebol chegar ao Brasil. A primeira

partida oficial de futebol de mulheres no nosso país só foi ocorrer em 1921, na Serra da Cantareira, atual Zona Norte de São Paulo. A partida foi disputada entre as senhoritas dos Bairros Tremembé e Cantareira e teve descrição, na época, pelo jornal A Gazeta. Como a partida ocorreu entre as festas de comemoração Junina, o periódico a descreveu como curiosa e cômica, comparando-a a uma atividade circense da época (TELES 2017).

Franzini (2005) relata que nas décadas de 30 e 40 eram comuns jogos de futebol feminino pelo país, havendo cerca de, no mínimo, dez equipes femininas. Assim, a prática de futebol por mulheres começava a ter maior popularidade acompanhando o crescimento da modalidade em termos mundiais e a profissionalização do futebol no Brasil. Mulheres realizavam partidas preliminares aos já tradicionais jogos masculinos.

O Fluminense, clube carioca composto inicialmente pela elite do Rio de Janeiro, contava em seus jogos com grande presença de mulheres. O jornalista Coelho Netto, pai de dois jogadores que atuavam no clube, atribuiu às mulheres o termo "torcedoras", citando em sua crônica "Enquanto eles jogam, elas torcem". Essa versão, embora que de forma controversa, é considerada como o primeiro emprego do termo torcedor relacionado ao futebol.

A presença de mulheres nos espaços destinados ao futebol era cada vez mais frequente, além de participarem como torcedoras, também foram conquistando espaços como jogadoras, mas não pararam por aí. Em 1941, em um amistoso entre Serrano de Petrópolis contra a equipe América do Rio, o então árbitro da partida passou mal e precisou ser substituído. Na ocasião, uma atleta da partida preliminar assumiu o apito do amistoso e entrou para a história como a primeira mulher brasileira a apitar uma partida de futebol masculino.

Segundo Franzini (2005), no dia 17 de maio de 1940, São Paulo, clube do estado homônimo e Flamengo, clube do Rio de Janeiro, realizaram um amistoso no estádio Pacaembu, na cidade de São Paulo. Para a partida preliminar da grande atração supracitada, foi agendada uma partida de futebol feminino. Duas equipes do subúrbio carioca foram escolhidas para o evento, Casino do Realengo e Sport Club Brasileiro.

A partir do anúncio da atração, a partida causou enorme polêmica dividindo

opiniões da sociedade e imprensa. Embora parte dos jornais manifestasse apoio quanto a prática das mulheres, outra metade repudiava a iniciativa, considerando uma depreciação à imagem feminina da mulher.

Essa rejeição motivou José Fuzeira, cidadão carioca, a enviar diretamente ao presidente Getúlio Vargas uma carta solicitando que a realização da partida fosse impedida. No documento, argumentava que a mulher não poderia praticar tal atividade sem prejudicar o equilíbrio psicológico das funções orgânicas, devido à natureza que a dispôs a ser mãe. Goellner (2005) aponta que apesar de incipiente, a participação das mulheres no futebol era a representação de uma transgressão hegemônica da identidade feminina fortemente vinculada à maternidade.

Apesar da rejeição de parte da população e imprensa, a partida ocorreu em um estádio lotado com cerca de 65 mil torcedores. As atletas do Sport Club Brasileiro venceram a partida por dois a zero, gols marcados pelas atletas Zizinha e Sarah.

Conforme descreveu a Folha da Manhã, o público viveu então

[...] momentos dos mais agradáveis, sobretudo humorísticos, pois, se as frágeis jogadoras não exibiram técnica de futebol, padrão de jogo etc., agradaram em cheio, na maioria das vezes, pelas próprias falhas, que eram recebidas com gostosas gargalhadas pela assistência (Gallucci, 2010).

Vale salientar que essa participação feminina no futebol gerava incômodo na classe aristocrata das famílias conservadoras, que não concordavam com a ideia de mulheres jogando futebol. Esse desconforto foi motivador para que, em 1941, Getúlio Vargas assinasse o decreto-lei número 3.199 que proibia a prática de esportes incompatíveis com a natureza feminina.

Mourão (2000) aponta para a figura de fragilidade associada à mulher, com função limitada a um corpo objeto de reprodução. Essa visão preconceituosa, que tirou da mulher a possibilidade de praticar inúmeros esportes, se sustentava no discurso de “preservação do corpo feminino” para que não houvesse um desgaste físico capaz de prejudicar a real função da mulher, que estava fadada ao encargo da função reprodutiva.

A proibição por meio do decreto-lei impedia jogos em campos oficiais e também que federações promovessem partidas entre mulheres. Contudo, entendeu-se haver uma brecha para que se pudessem realizar partidas com caráter

beneficente ou espetáculos. Razão para o futebol feminino virar atração. Ao longo dos anos 1958 e 1964, as partidas de futebol de mulheres eram realizadas como atração aos homens, com equipes formadas por vedetes, artistas de teatro.

Segundo Silva (2015), empresários organizavam jogos com grande público, como o jogo patrocinado pelo empresário Lover Ibaixe, na partida entre atrizes, realizada no estádio Pacaembu, no estado de São Paulo. O objetivo do evento era angariar fundos para a construção do Hospital dos Atores, razão vista como suficiente para ludibriar a proibição.

Com a colocação de mulheres consideradas bonitas em campo, se pretendia promover um show para o público masculino. A partida teve grande adesão do público, que lotou o estádio e gerou grande lucro financeiro, servindo como motivador para realização de outras partidas em território nacional.

Na tentativa de justificar o cerceamento e restrições por aspectos biológicos, a folha de São Paulo, em 16/07/1961 publicou uma nota:

As mulheres tem ossos mais frágeis; menor massa muscular; bacia oblíqua; centro de gravidade mais baixo; coração menor; respiração menos apropriada a esportes pesados; menor resistência nervosa e de adaptação orgânica (Museu do Futebol, 2018).

Goellner (2005) descreve que em 02 de Agosto de 1965, já em regime de Ditadura Militar, a deliberação de número 7, do Conselho Nacional de Desportos (CND) redigia novamente o decreto-lei de 3.199 de 1941, detalhando as modalidades proibidas para mulheres, impedindo de vez qualquer tipo de partida de futebol praticado por mulheres, citando nominalmente os esportes proibidos, como o Futebol, Futebol de Salão (hoje Futsal), Futebol de Praia, Rugby, Lutas de qualquer natureza, Pólo entre outros.

A proibição durou até 1979, quando o então presidente João Figueiredo revogou o decreto-lei que impedia a prática do futebol por mulheres. Entretanto, mesmo tendo chegado ao fim a proibição, a modalidade só foi regulamentada em 1983, quatro anos mais tarde.

De acordo com Almeida (2012), durante a década de 70, oito clubes de futebol de mulheres surgiam pelo país. Dentre eles, destaca-se o Esporte Clube Radar, fundado em 1981 no estado do Rio de Janeiro, sediado no bairro Copacabana. A equipe foi o principal clube do país, sendo hexacampeão da Taça

Brasil de Futebol Feminino, campeão do Torneio Brasileiro de Clubes em 1989 e representando a Seleção Brasileira no mesmo ano em um Campeonato Mundial, que serviria dois anos depois como modelo para a primeira Copa do Mundo de Futebol Feminina.

A seleção brasileira formada pelas atletas do Radar, venceram o *Women's Cup of Spain* ao derrotar seleções da Espanha, França e Portugal, conquistando o primeiro título internacional da seleção. Após a boa repercussão do evento a Federação Internacional do Futebol (FIFA), entidade reguladora do futebol, promoveu a primeira edição da Copa do Mundo de Futebol Feminina, realizada na China no ano 1991. Na edição, a equipe dos Estados Unidos foi a campeã e a seleção brasileira terminou em nono lugar.

Em meados dos anos 90, times femininos começaram a *emplacar* de vez no Brasil, a partir da adesão das grandes equipes, que passaram a montar uma categoria feminina em seus clubes. Embora ainda seja em menor escala, conforme estudo realizado por Souza e Knijnik (2007), a mulher atleta passou a ter maior aceitação no futebol, e com isso uma visibilidade maior.

No entanto, mesmo com essa visibilidade, a presença da mulher como mera *atração* ainda permanece. A existência desse discurso pode ser comprovada ao analisarmos o trecho do regulamento de futebol do campeonato paulista do ano de 2001, *Desenvolver ações que enalteçam a beleza e a sensualidade da jogadora para atrair o público masculino*.

Claramente as exigências como sensualidade são usadas para delimitar o papel da mulher como um objeto de atração aos homens, em nada se preocupando com seu desempenho dentro de campo. Ao contrário, se limitam em aspectos que em nada alteram a performance feminina, de modo a regulamentar uma competição que prima unicamente mulheres bonitas e sensuais que possam atrair olhares do público masculino.

A Federação Paulista de Futebol realizou um *draft* com mais de 200 jogadoras, a fim de dividi-las em 12 equipes para realização da competição. Beleza era um dos critérios para escolha das atletas que formariam as equipes, admitido pelo próprio Eduardo José Farah, presidente da Federação Paulista de Futebol na época. Em entrevista para o jornal *Folha*, Renato Duprah, então vice-presidente da

entidade, afirmou que cabelo também era um dos critérios. Segundo ele, “com cabelo raspado não joga”.

De acordo com Bezerra (2008), o que vale é a aparência formada através de imagens, a fim de gerar retorno financeiro e aumento de audiência. Desse modo, a erotização do corpo da mulher passa a ser usado com intuito comercial. Nesse processo de comercialização a televisão exerce importante papel, tendo em vista que vende sua produção de entretenimento e firma contratos com patrocinadores, que rotulam e definem os estereótipos de beleza e comportamento social.

Carmen Rial (2010) atribui ainda uma invisibilidade às mulheres brasileiras praticantes de futebol, segundo a autora, além de invisíveis, elas são pressionadas em um comparativo direto, a obter resultados semelhantes aos adquiridos pela equipe masculina.

Almeida (2019) descreve que a partir das denúncias da Justiça americana e instauração de investigações também por parte da justiça Suíça, que apontaram corrupção nas realizações das Copas do Mundo de Futebol de homens, tanto da África do Sul, em 2010, como no Brasil, em 2014, iniciou-se um movimento por parte da Federação Internacional de Futebol (FIFA) para a implantação de políticas de igualdade de gênero, em uma espécie de cortina de fumaça como subterfúgio aos escândalos provenientes das investigações.

Com base na mobilização por parte da FIFA em promover o futebol feminino, a Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL), por meio de uma mudança no seu regulamento ocorrida em 30 de setembro de 2016, passou a exigir que os clubes participantes das competições organizadas pela entidade, tivessem obrigatoriamente a categoria feminina ou se associassem a equipes que já possuíam a categoria (Novais 2022).

O solicitante (à licença) deverá ter uma primeira equipe feminina ou associar-se a um clube que possua o mesmo. Além do mais, deverá ter pelo menos uma categoria juvenil feminina ou associar-se a um clube que possua. Em ambos os casos, o solicitante deverá prover de suporte técnico e todo o equipamento e infraestrutura (campo de jogo para a disputa de jogos e treinos) necessária para o desenvolvimento de ambas as equipes em condições adequadas. Finalmente, se exige que ambos os times participem de competições nacionais e regionais autorizadas pela respectiva associação membro. (Fernandez, 2017).

Desse modo, os grandes clubes do Brasil passaram a investir na criação ou vinculação de categorias de base e na categoria adulta voltada ao futebol de mulheres. Com adesão do naipe feminino nos plantéis das maiores equipes do país, a modalidade passa a ter maior visibilidade.

O espaço dado ao futebol feminino teve um crescimento importante após as veiculações por parte das emissoras de televisão, de materiais relacionados à mulher praticante de futebol. Esse estímulo fez com que uma nova geração de meninas crescesse com o sonho de se tornar atleta de futebol. A partir da transmissão de jogos femininos, principalmente da seleção nacional, o esporte ganhou maior destaque, tornando possível a realização de competições nas categorias de base, algo impensável sem apoio das grandes mídias.

Ferreti (2011) cita que a erotização da mulher seja ela onde estiver, é um apelo feito na mídia há bastante tempo. Ter uma seleção feminina heterossexual, com imagem bela e de corpo a ser desejado por homens heterossexuais, é de longe o desejo desses veículos de comunicação. Acontece que a realidade não se assemelha em nada com isso, salvo algumas exceções, a imagem da mulher esteticamente perfeita para atração masculina é suprida pelas apresentadoras que em grande maioria são saradas e belas.

O crescimento do futebol feminino no Brasil coloca a mulher como protagonista em um país que por muito tempo teve no futebol um ambiente masculinizado. Conforme dados do Relatório de Gestão da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) (2017), realizado em 2017, houve um significativo aumento no registro de contratos de mulheres. Constatando uma ocupação das mulheres em trabalhos tradicionalmente considerados masculinos (Kopanakis *et al.*, 2021).

3.5 Gênero

Trazer à luz o debate da temática gênero faz-se imprescindível para compreender alguns fenômenos constatados no decorrer deste estudo. Para tanto, é preciso começar pela conceituação de gênero, termo chave para compreender o

modo que se constitui o preconceito quanto à prática do futebol e do futsal por mulheres.

Martins, Silva e Vasquez (2021) ressaltam que, quando se observa a ampla maioria masculina no futebol, a problemática das relações de gênero precisa ser trazida à luz para elucidar as desigualdades de oportunidades que as mulheres possuem em relação aos homens.

Portanto, gênero compreende as preferências, escolhas, comportamentos, e interesses do indivíduo. Essa linha conflita com a ideia de corpo imutável ou fixo, “nasce homem e morre homem”, “nasce mulher e morre mulher”. Essa definição não se encontra no dicionário, discussão que Louro (1997) retrata ao dizer que, no sentido específico, gênero não aparece no Aurélio.

Gênero pode ser entendido como uma categoria analítica e como um organizador social e da cultura. Scott (1995) define que a categoria analítica de gênero se refere ao conceito acadêmico e está apoiada nas rejeições acerca das explicações biológicas para as desigualdades sociais.

As definições de gênero podem ser compreendidas com base em alguns autores e autoras pós-estruturalistas, como Judith Butler, Joan Scott, Linda Nicholson e Thomas Laqueur. Judith Butler aponta que, nessa relação sexo-gênero, possivelmente sexo sempre tenha sido gênero.

Joan Scott, historiadora norte-americana, afirma que “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (Scott, 1995, p. 86). A definição de gênero no ponto de vista gramatical, trazido por Ferreira (1986), retrata como: “categoria que indica, por meio do termo, uma divisão de nomes baseada por critérios tais como sexo e associações psicológicas”.

Essa definição, estritamente designada à língua portuguesa, não traz a completa definição sobre o termo, permitindo que suas definições sejam comumente mal interpretadas. Gênero como termo, geralmente é relacionado à intenção de tratar sobre suas relações, diversidade sexual e militâncias, como o feminismo.

Muitos atribuem à francesa Simone de Beauvoir o título de precursora do conceito de gênero, além de ser uma das mais importantes feministas do nosso

tempo. Uma frase contida no seu livro , O segundo sexo, publicado em 1949, elucida a construção de gênero: “não se nasce mulher, torna-se mulher” (Beauvoir, 2014).

Butler (2000) defende que gênero é, em sua essência, performativo, sendo uma formação cultural. Ou seja, é a construção que se cria por meio de vivências, se remodelando de acordo com as experiências vividas por cada indivíduo e o modo que o mesmo interage com o ambiente que o cerca.

Razão para a autora afirmar que ninguém nasce pertencente a um gênero e tampouco está sujeito a um determinado gênero para todo sempre. Judith Butler lançou esta maneira de abordar o tema, ou seja, o entendimento é de que o gênero é fruto de como uma cultura se organiza enquanto sociedade, podendo-se afirmar não se tratar de uma não determinação biológica.

Butler (2016) sustenta o conceito de abjeção às existências, definindo que os parâmetros heterossexuais não se enquadram com a vulnerabilidade enfrentada por transexuais, travestis, transgêneros e intersexos em função das normas de gênero. Scott (2005) entende gênero como uma forma primária das significações entre as relações de poder, uma vez que os corpos são produzidos e significados pelo modo em que as teias de significações estão imbuídas na sua materialidade.

Laqueur e Whately (2001) afirmam que vários são os modos de significar as arquiteturas corporais ao longo da história. Segundo o autor, as marcas corporais nomeadas masculinas e femininas, evidenciam os processos de naturalização gerados pelo gênero. Portanto, a concepção que corpos masculinos e femininos se constituíam de um mesmo sexo, surgiu posteriormente à compreensão de que homens e mulheres eram representantes de sexos distintos.

Nicholson (2000) sustenta, com base em Laqueur, que os corpos são narrados e produzidos discursivamente, deste modo sexo é compreendido como accidental. Nesse prisma, a arquitetura dos corpos fica em segundo plano, onde a maior relevância se deve aos significados a elas atribuídos.

Segundo Goellner (2005), O discurso de masculinização do corpo da mulher se relaciona com sua aparência física e identidade sexual:

A mulher que habita esse corpo viril vivencia seus desejos, seus amores e seus prazeres a partir de um referente que não aquele

considerado como "normal", qual seja o da heterossexualidade. Essa associação toma como sinônimas as identidades de gênero e as identidades sexuais (Goellner, 2005).

Gênero, sexo e sexualidade tratados como sinônimos ainda são um equívoco comumente cometido, talvez porque na dinâmica social esses três conceitos sejam constitutivos de uma "linearidade" entre corpo, identidade de gênero e a orientação sexual. Desse modo, um corpo, quando ousa romper com as expectativas de gênero próprias para o seu sexo, gera como efeito questionamentos acerca de sua sexualidade.

Louro (1996) faz a diferenciação de gênero e sexo, definindo que sexo diz respeito ao biológico, gênero por sua vez, trata da construção social de masculino e feminino. Sendo assim, cada grupo tem a sua representação de masculino e feminino, dessa forma não se compreende a existência de uma feminilidade e masculinidade ideal ou única, cada grupo possui sua própria representação.

Sexualidade, por sua vez, também trata de uma construção, não sendo possível fixar um momento que possa caracterizar a identidade sexual do indivíduo. Alguém com identidade de gênero feminina pode ter várias identidades sexuais, sejam elas heterossexuais, homossexuais ou bissexuais (Louro, 1997).

Independente do gênero, Devide (2005) aponta que o esporte deve ser visto como um contexto importante para a humanização do ser humano. Desse modo, o esporte precisa ser ferramenta para a socialização de crianças e adolescentes em relação aos valores da prática física.

Contudo, os valores precisam passar por uma modificação para que se desvinculem dos estereótipos dos papéis sexuais, atribuídos por características masculinas ou femininas para determinados esportes e atividades físicas. São esses estereótipos que delimitam os espaços destinados aos meninos e meninas que ingressam em clubes, centros de treinamentos e demais espaços para a prática de atividades físicas e esportivas.

Diante do exposto, cabe ressaltar que muitas vezes esses preceitos distintos à orientação para práticas esportivas de meninos e meninas vêm de casa. Baseados nas desigualdades de gênero, as quais acabam refletindo no comportamento preconceituoso da sociedade no âmbito da prática esportiva

feminina como no futebol e no futsal.

Outrossim, o esporte é composto por referências históricas predominantemente masculinas. De modo a entender que o preconceito se dá a partir da associação de diversos aspectos, dentre eles a relação da mulher ao corpo frágil ou a um corpo masculinizado, ou em relação direta com o futebol e o futsal nas questões histórico culturais e físicas, além do preconceito acerca da homossexualidade.

Segundo Anjos (2000), o futebol e o futsal são esportes com grande participação de lésbicas, esse fator gera constantes comentários preconceituosos com intuito de menosprezar a mulher no ambiente futebolístico. A autora relata que a origem do preconceito pode ser compreendida através da possibilidade de subversão da posição da mulher em relação ao homem, uma vez que se atribui à mulher o papel de subordinar-se ao homem.

Conforme estudo realizado por Santiago (2017), no ambiente futebolístico, seja ele em caráter de lazer ou competitivo, ocorrem situações que evidenciam a homossexualidade, surgindo "cantadas" entre mulheres. Portanto, com base nesse comportamento se intensifica a rotulação por parte da sociedade às praticantes de futebol e de futsal. Sendo assim, Nunan (2003, p.63) explica o modo que o rótulo interfere nesse cenário:

O rótulo influencia enormemente nossa percepção do comportamento de um indivíduo, pois uma vez atribuído, nós temos a tendência a perceber seu comportamento de acordo com o rótulo imputado, mesmo diante de fatos que o contradiga (Nunan, 2003, p.63).

Rosa (2004) descreve o fato de que a sociedade enxerga os homossexuais como indivíduos com desvios de conduta moral, desse modo, a partir do momento que jogadoras de futebol heterossexuais mantêm relações próximas com homossexuais, auxiliam a minimizar o preconceito existente. Em contrapartida, isso pode trazer à tona uma homofobia velada, explicada a partir de como o convívio com homossexuais pode mascarar preconceitos com os mesmos.

Com base nesses referenciais pode-se entender gênero como uma categoria que permite a compreensão das relações sociais fundamentadas nas atribuições dadas aos corpos e aos binarismos construídos de forma supostamente natural.

4 MENINAS E MULHERES NO FUTEBOL: análise e discussão dos dados

Neste capítulo serão expostos os resultados obtidos através da aplicação de questionários aos participantes e a discussão dos dados supracitados. Participaram da pesquisa mulheres praticantes de futebol ou futsal e familiares de meninas que praticam futebol ou futsal gestores, professores e treinadores de futebol ou futsal. No sentido de melhor apresentar os dados, adotou-se a utilização de tabelas e gráficos, visando melhor compreensão acerca dos resultados obtidos na amostragem.

Para discussão dos dados, os participantes da pesquisa receberam um codinome cada, de modo a preservar a verdadeira identidade dos mesmos e proporcionar maior fluidez ao texto. Para as mulheres e familiares de meninas que participaram da pesquisa, adotou-se nome de cidades internacionais. Foi elaborado um quadro informativo, para caracterizar os indivíduos participantes do estudo, suas idades, escolaridade, profissões, tempo em que estão inseridos na temática abordada e a cidade que residem.

4.1 Caracterização do local de pesquisa

O presente projeto apresenta um olhar acerca da realidade dos espaços destinados à prática de futebol e futsal por meninas e mulheres praticantes do esporte no cenário municipal. Um fator determinante para chegar a essa temática foi minha experiência profissional como professor, treinador, educador social, gestor esportivo e gestor público, pois pude verificar manifestações preconceituosas direcionadas às meninas e mulheres praticantes de futebol.

Ao analisar de forma preliminar a temática que se propõe a pesquisa, constatou-se que o Mestrado em Desenvolvimento Regional da Faccat ainda não contemplava com destaque o tema supracitado, fato que demonstra ineditismo desta pesquisa, possibilitando, através deste estudo, mais dados para auxiliar no desenvolvimento de políticas públicas relacionadas ao tema.

A pesquisa também tem importante relevância para a região do Vale do

Paranhana, visto que Taquara é a maior cidade em termos de população, segundo o último Censo do IBGE 2010, e há uma carência de espaços para a promoção do futebol feminino na mais populosa cidade do Vale. O estudo também sinaliza aos demais municípios a importância de um olhar mais atento para projetos, programas e parcerias que promovam o respeito e a promoção do esporte de forma inclusiva.

Outro motivador foi a ausência de espaços pensados para meninas e mulheres jogarem futebol, tendo em vista a grande quantidade de centros de treinamentos, escolas de formação e clubes de futebol voltados para prática de meninos, reforçando a ideia de esporte masculinizado.

Na cidade de Taquara, local da pesquisa, um projeto voltado para a prática de futebol e futsal por mulheres foi criado há 10 anos. Grande parte dos entrevistados e entrevistadas, de alguma forma estão ou estiveram vinculados a este projeto.

A União Taquarense de Futsal, a UTF como é popularmente conhecida, é uma Associação sem fins lucrativos, fundada em novembro de 2014. A equipe inicialmente dedicava-se apenas ao público feminino adulto, porém ampliou o seu público alvo diante da procura de muitas mulheres com interesse em colocar suas filhas para participarem.

Com a consolidação dos grupos adultos, o projeto estendeu seus atendimentos para categorias de base, atendendo também o público masculino infantil e adulto. Atualmente o grupo atende cerca de 45 (quarenta e cinco) atletas nos grupos adultos feminino, e 15 (quinze) no grupo adulto masculino. Já nas categorias de base, atende 110 (cento e dez) meninas entre seis e dezessete anos (06-17 anos) e 150 (cento e cinquenta) meninos entre seis e quinze anos (06-15 anos).

A escola de futsal, desenvolvida pela Associação Taquarense, tem por objetivo a integração social de jovens e adolescentes, bem como a utilização do esporte como ferramenta de auxílio na formação de bons cidadãos. Por meio de ações afirmativas, busca atender meninas e meninos sem pré-julgamentos ou acepções, fazendo do esporte um meio democrático e inclusivo.

A Associação atua também na promoção de eventos, trazendo frequentemente equipes renomadas para o município de Taquara, como o Grêmio FBPA. Deste modo, contribui para o fomento do esporte na sociedade em que se

insere, sobretudo dando visibilidade à meninas e mulheres praticantes de futebol e futsal.

O projeto tem como objetivo abordar de forma eficiente a importância do trabalho em grupo, respeito ao próximo e empatia, desenvolvidos por meio de atividades específicas nos treinos com conteúdos e dificuldades proporcionais a cada categoria. Nas categorias Sub-07 e Sub-09 os treinos são voltados ao ensino dos fundamentos do futsal, utilizando métodos globais e atividades lúdicas, para melhor compreensão do conteúdo a ser ensinado.

Desta forma, evita-se a robotização dos treinos, mantendo a atleta motivada. Nas categorias Sub-11 e Sub-13 se dá início de forma mais específica as atividades técnicas e táticas, nessa faixa etária ocorre a puberdade, a fase de alterações físicas e psicológicas que exigem maior atenção aos comportamentos das atletas, de modo a mantê-las focadas nos treinos, respeitando suas individualidades.

Nas categoria Sub- 15 e Sub- 17 os treinamentos começam a abordar sistemas de jogo mais complexos, os treinamentos são aprofundados nas táticas coletivas e individuais, exigindo total compreensão das atletas nos sistemas táticos trabalhados, percepção de situações no decorrer do jogo, e capacidade para tomada de decisão, dentre outros aspectos do jogo.

Em todas as categorias os treinos são desenvolvidos respeitando as individualidades de cada atleta. Diferenciando as atividades de cada categoria pelos fatores físicos, técnicos e táticos abordados em cada idade de modo que as atletas que passam por todas categorias, chegam na categoria adulta no auge físico, tático e técnico do futsal.

Os treinamentos são realizados duas vezes por semana para cada categoria, ocorrendo no Ginásio do Colégio Municipal Theóphilo Sauer e no Ginásio do Centro Sinodal Dorothea Schäfke.

Apesar do projeto ter como objetivo geral a iniciação às práticas esportivas, como fruto do trabalho já realizado, os grupos adultos já participam de diversas competições, como torneios, copas e campeonatos em várias regiões do estado, tendo como melhor participação o quarto lugar da série prata, competição organizada pela Federação Gaúcha de Futsal, conquistado pela equipe principal feminina. Além de participar de competições no futebol sete e futebol onze e obter

mais de cem conquistas entre grupos femininos e masculinos.

A Associação conta, atualmente, com uma comissão técnica formada por oito professores:

- (i) Larissa Rafaela de Souza, Professora de Educação Física;
- (ii) Macksuel Augusto Stenert, Professor de Educação Física;
- (iii) Bruno Müller Marques, acadêmico do curso de Educação Física;
- (iv) Diego Flores Lemos, acadêmico do curso de Educação Física;
- (v) Geovane de Oliveira Lunardi, acadêmico do curso de Educação Física;
- (vi) Jonathan Mateus Machado, acadêmico do curso de Educação Física;
- (vii) Ramon Pedrozo da Silva, acadêmico do curso de Educação Física;
- (viii) Pedro Gabriel Silva de Almeida, Licenciado e Bacharel em Educação Física, Pós graduado em Gestão de pessoas, Pós graduado em Futebol e Futsal e Mestrando em Desenvolvimento Regional neste Programa.

A Coordenação do projeto é de responsabilidade do idealizador da Associação, Professor Pedro Gabriel Silva de Almeida, Licenciado e Bacharel em Educação Física, Pós graduado em Gestão de pessoas, Pós graduado em Futebol e Futsal e Mestrando em Desenvolvimento Regional neste Programa.

Este estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), bem como os questionários aplicados e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com aprovação do CEP das Faculdades Integradas de Taquara, sob Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 70455523.8.0000.8135.

4.2 Caracterização dos participantes

O quadro a seguir (quadro 3) caracteriza gestores, professores e treinadores de futebol ou futsal que participaram deste estudo, para estes, adotou-se nomes de países como codinome.

A pesquisa revela que 86% dos participantes reside em Taquara ou em cidades vizinhas. Já em relação a idade, o estudo indicou que 71% tem mais de 30 anos e 86% atua com futebol há mais de 5 anos. Foi possível constatar que 57% dos participantes da pesquisa possuem ensino superior completo.

Quadro 3 - Participantes do Questionário 1

Nome	Idade	Escolaridade	Profissão	Tempo atuando no futebol	Cidade
BÉLGICA	25	SUPERIOR INCOMPLETO	EDUCADOR	2 ANOS	PAROBÉ
GANÁ	52	SUPERIOR INCOMPLETO	PROFESSOR	25 ANOS	TRÊS COROAS
GRÉCIA	24	SUPERIOR INCOMPLETO	EDUCADOR	5 ANOS	TAQUARA
LÍBIA	38	SUPERIOR COMPLETO	PROFESSOR	9 ANOS	CANOAS
MÉXICO	32	SUPERIOR COMPLETO	PROFESSOR A	6 ANOS	ROLANTE
RÚSSIA	44	SUPERIOR COMPLETO	TREINADOR	11 ANOS	TAQUARA
SUÍÇA	37	SUPERIOR INCOMPLETO	TREINADOR	20 ANOS	PAROBÉ

Fonte: elaborado pelo autor

O Quadro 4 caracteriza as mulheres praticantes de futebol ou futsal e familiares de meninas que praticam futebol ou futsal que participaram deste estudo.

A opção de entrevistar familiares de meninas que praticam futebol e não as próprias meninas, se deu em razão da faixa etária de 18 anos escolhida como recorte neste estudo. Haja vista que os questionários possuem questões que poderiam deixar estas meninas em situação desconfortável ou contragedora.

Foi possível constatar que 56% das participantes da pesquisa praticam futebol ou futsal pelo menos há 15 anos. A pesquisa revela que 81% das participantes reside em Taquara ou em cidades vizinhas, já em relação a idade, 81% tem entre 20 e 35 anos, o que indica que essa é a faixa etária de maior amostragem no estudo.

Quadro 4 - Participantes do questionário 2 e 3

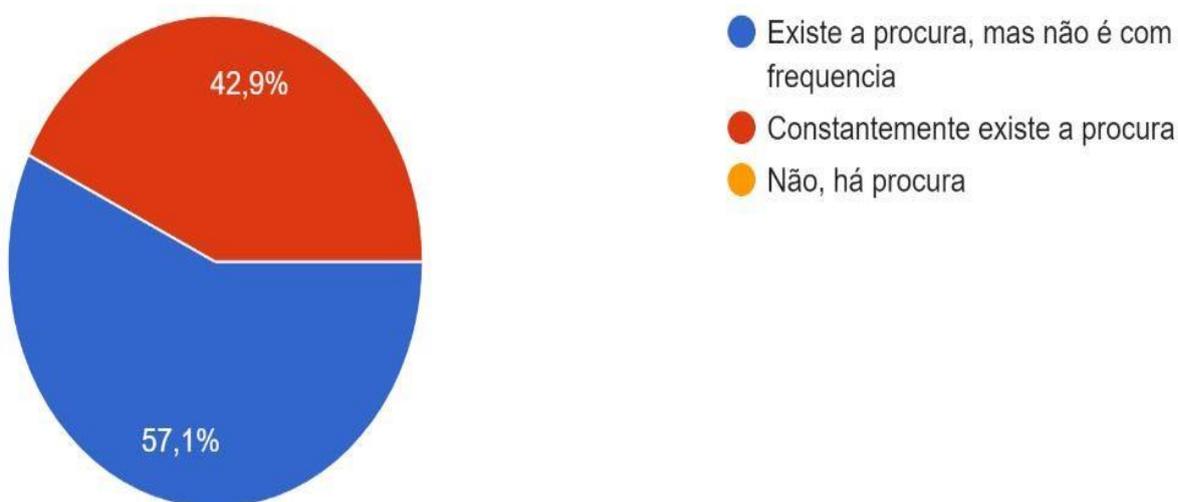
Nome	Idade	Escolaridade	Profissão	Condição	Tempo praticando futebol	Cidade
AMSTERDÃ	30	Superior incompleto	Auxiliar de produção	Atleta	20 ANOS	Taquara
ATENAS	23	Superior completo	Auxiliar administrativo	Atleta	11 ANOS	Parobé
BERLIM	31	Superior completo	Professora	Atleta	22 ANOS	Parobé
COPENHAGUE	32	Superior completo	Contadora	Atleta	25 ANOS	Taquara
DACAR	40	Ensino fundamental	Operadora de caixa	Familiar	-	Três coroas
FLORENÇA	23	Ensino fundamental	Auxiliar de produção	Atleta	11 ANOS	Taquara
FRANKFURT	31	Ensino médio	Auxiliar de comunicação	Atleta	20 ANOS	Canela
JACARTA	23	Ensino fundamental	Autônoma	Atleta	13 ANOS	Parobé
JERUSALÉM	22	Médio completo	Empresária	Atleta	14 ANOS	Rolante
LIMA	27	Superior completo	Personal trainer	Atleta	15 ANOS	Taquara
LISBOA	32	Superior completo	Médica veterinária	Atleta	20 ANOS	Taquara
MOSCOU	40	Superior completo	Merendeira	Familiar	-	Taquara
PARIS	31	Superior incompleto	Artesã	Atleta	6 ANOS	Taquara
PORTO	35	Ensino médio	Operadora de caixa	Atleta	27 ANOS	Canela
TIJUANA	26	Superior incompleto	Auxiliar administrativo	Atleta	12 ANOS	Taquara
TÓQUIO	37	Ensino médio	Gestora de qualidade	Atleta	27 ANOS	Taquara

Fonte: elaborado pelo autor

4.3 Gestores, professores e treinadores de futebol ou futsal

Nossa pesquisa inicia com a pergunta que buscou saber se muitas meninas buscavam escolas para treinarem futebol ou futsal. Os resultados obtidos através do questionário mostraram que para 57,1% existe a procura mas não é com frequência, 42,9% afirmaram que constantemente existe a procura por parte de meninas.

Gráfico 6 - Busca por treinamento de futebol ou futsal

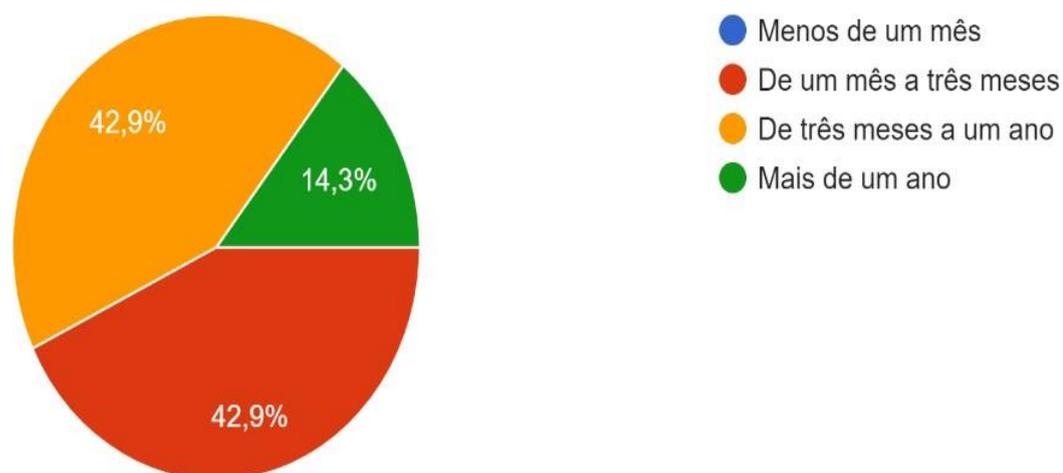


Fonte: Elaborado pelo autor.

O resultado apresentado evidencia o crescimento do número de meninas que desejam praticar futebol ou futsal, indo até centro de treinamentos e escolas que ofertam estas modalidades.

Já quando questionados sobre quando uma menina entra para a escolinha, por quanto tempo ela costuma permanecer, 42,9% dos participantes da pesquisa afirmaram que quando uma menina entra na escolinha costuma ficar pelo período de um mês a três meses, 42,9% dos participantes da pesquisa afirmaram que quando uma menina entra na escolinha costuma ficar no período de três meses a um ano e apenas 14,3% informaram que elas permanecem por mais de um ano.

Gráfico 7 - Permanência nas escolas

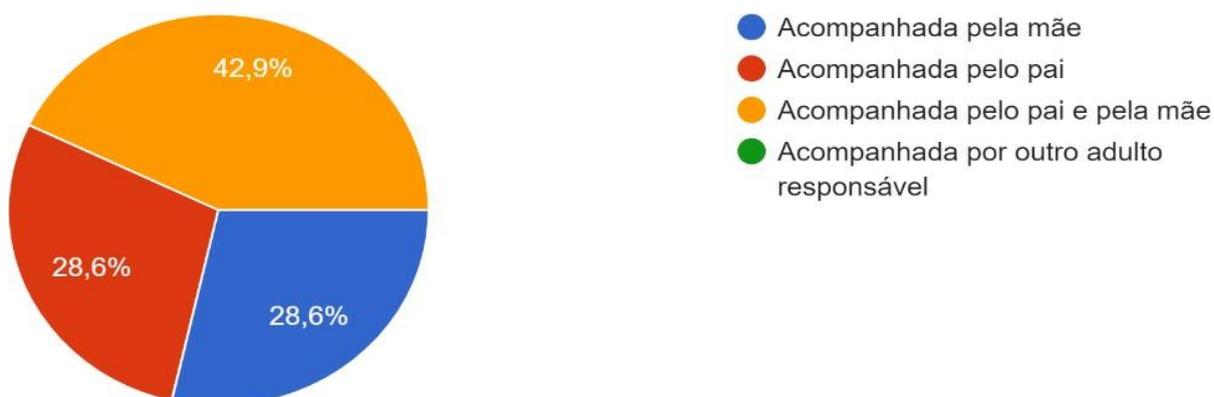


Fonte: Elaborado pelo autor.

Com base nos dados obtidos, constatou-se que, embora haja a procura de meninas por escolas de futebol, a permanência das mesmas dentro destes espaços em sua grande maioria é de um curto prazo. Estes dados podem ser compreendidos mediante os resultados dos questionamentos que veremos logo abaixo, nos permitindo entender os fatores que desmotivam a continuidade das meninas em espaços de treinamento de futebol.

Ao serem questionados acerca de quem acompanha a menina quando a mesma procura escolas de futebol ou futsal, 42,9% responderam que pai e mãe acompanham a chegada até os espaços de treinamento, 28,6 % responderam que apenas o pai acompanha e a mesma porcentagem respondeu que apenas a mãe acompanham a menina quando ela entra para uma escolinha, não houve resposta apontando outro responsável acompanhando meninas ao entrarem para a escolinha (gráfico 8).

Gráfico 8 - Acompanhantes das meninas

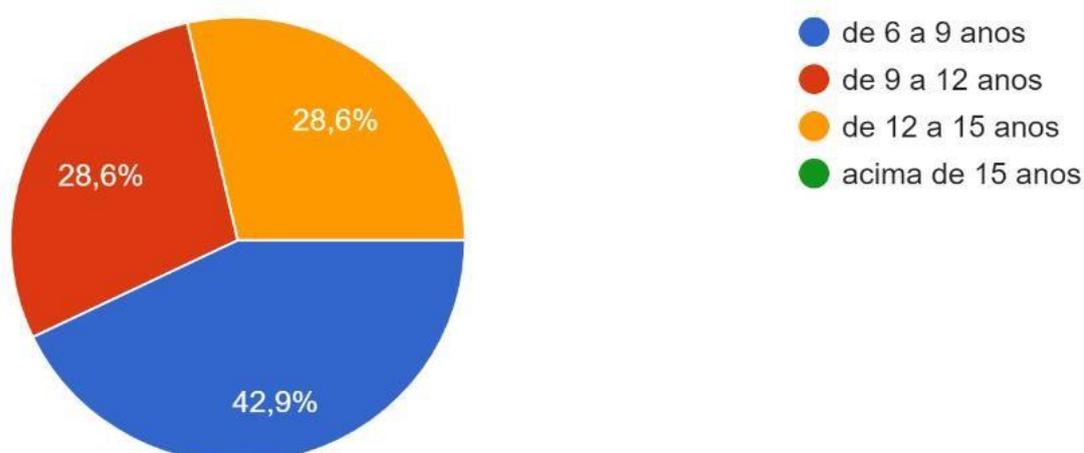


Fonte: Elaborado pelo autor.

Este resultado possibilita analisar que a inconstância na frequência de meninas em escolas de futebol não se deve ao fato da mesma não possuir suporte familiar, visto que a amostra aponta para uma constante procura, que em sua maioria é acompanhada por pai e mãe.

Quando questionados sobre a idade que as meninas possuem ao procurar escolinhas de futebol, em 42,9% dos casos as meninas possuem de 6 a 9 anos de idade, já em 28,6% dos casos a procura ocorre entre os 09 e 12 anos, mesma porcentagem que procura escolinhas de futebol e possui entre 12 e 15 anos (gráfico 9)

Gráfico 9 - Idade das meninas



Fonte: Elaborado pelo autor.

A pergunta seguinte buscou saber se quando uma menina entra para a escolinha, ela participa dos treinos na mesma categoria que os meninos de sua idade. Em 71,4% dos casos as meninas são inseridas em turmas de meninos da mesma idade, e em 28,6% dos casos são inseridas em turmas de meninos mais novos. Não houve resposta que sinalizasse meninas sendo inseridas em turmas de meninos mais velhos.

Gráfico 10 - Treinamento em times com meninos



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em relação ao questionamento se, quando uma menina entra para a escolinha, ela geralmente possui noções básicas de fundamentos e técnicas de futebol e futsal, 57,1% dos participantes respondeu que geralmente meninas que procuram escolinhas não possuem nenhuma noção básica de Futebol ou Futsal, 42,9% possuem noções de forma superficial e não houve nenhuma resposta apontando para meninas que possuem grandes habilidades no futebol ou futsal ao procurarem escolinhas (gráfico 11).

Gráfico 11 - Conhecimentos prévios sobre futebol



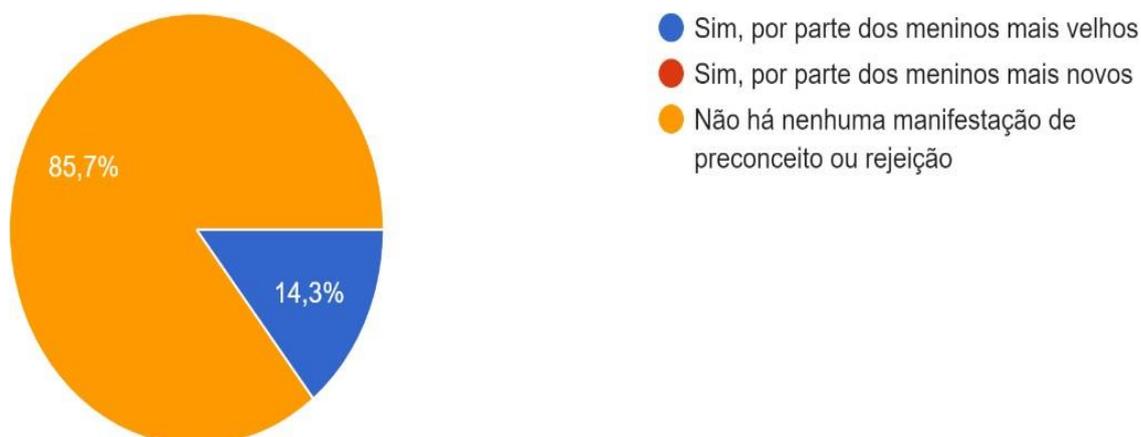
Fonte: Elaborado pelo autor.

Com base na amostragem, pode-se relacionar os dados com os vistos anteriormente, onde parte das meninas são inseridas com meninos abaixo de sua idade, para que de certa forma haja equilíbrio entre meninos e meninas. Em contrapartida, ao serem inseridas em turmas de meninos abaixo de sua idade, as trocas sociais podem não corresponder suas expectativas, visto que não são inseridas em turmas que correspondam sua faixa etária.

Ao retornar para os resultados apresentados no gráfico 7, que aponta uma permanência de curto prazo das meninas em escolas de futebol, evidenciamos que a inserção em um ambiente que não está preparado para receber e formar meninas para jogarem futebol pode afastar as mesmas da modalidade, fazendo com que deixem de frequentar estes espaços. As trocas sociais que não atendam às expectativas podem ser fatores relacionados com o tempo de permanência.

Ao serem questionados sobre quando uma menina entra para a escolinha, se percebe rejeição ou algum tipo de preconceito por parte dos meninos, 85,7% responderam que não há nenhuma manifestação de preconceito, já 14,3% responderam que por parte dos meninos mais velhos há manifestação de preconceito (gráfico 12).

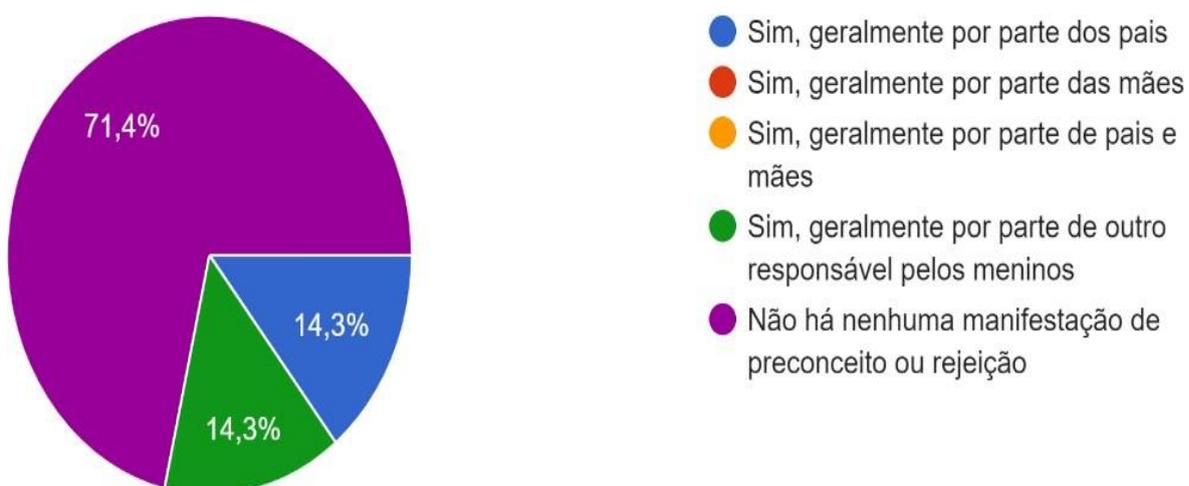
Gráfico 12 - Percepção sobre preconceito



Fonte: Elaborado pelo autor.

A pergunta seguinte buscou saber se por parte dos responsáveis pelos meninos existe a percepção da rejeição ou algum tipo de preconceito. 71,4% responderam que não há nenhuma manifestação de preconceito, já 14,3% responderam que por parte dos pais há manifestação de preconceito e a mesma porcentagem aponta que por parte de outro responsável também há manifestação de preconceito.

Gráfico 13 - Preconceito por parte dos responsáveis dos meninos



Fonte: Elaborado pelo autor.

Apesar de representar menor parcela nos resultados apresentados nos gráficos 12 e 13, é possível afirmar que ainda há preconceito sobre meninas jogando futebol, sobretudo por parte dos homens. Estes dados nos ajudam a entender que o ambiente futebolístico ainda é visto por alguns como um espaço masculinizado, que não permite o acesso por parte de meninas e mulheres.

A partir do questionamento sobre a dificuldade para o desenvolvimento do futebol feminino, foi possível identificar diversos apontamentos por parte dos entrevistados. Dentre as respostas, alguns elementos aparecem em comum por parte dos entrevistados.

BÉLGICA e SUÍÇA citam o apoio familiar como uma dificuldade no futebol feminino. Enquanto GRÉCIA elenca diversas dificuldades para o desenvolvimento do futebol feminino, entre elas a falta de investimento e o preconceito.

MÉXICO, afirma que:

A falta de incentivo por parte dos responsáveis no primeiro momento onde as meninas manifestam interesse, tenho a sensação que os responsáveis estão sempre esperando esse gosto e essa fase passar, escuto de muitos responsáveis ela queria começar antes mas a gente estava esperando. E também a falta de equipes para jogos amistosos para dar vivência na rodagem nas faixa etárias de desenvolvimento, nas categorias iniciantes sub 9/11, dificultam o processo na formação, a competição tardia retrocede o desenvolvimento.

RÚSSIA aponta para falta de engajamento, enquanto GANA traz em sua resposta a falta de dedicação e aplicação por parte das atletas, indo ao encontro do que diz LÍBIA ao afirmar que falta compromisso das atletas.

A partir do questionamento sobre se as mulheres tem capacidade de jogar futebol ou futsal no mesmo nível que os homens, BÉLGICA é enfática ao dizer Com certeza, até melhor que muitos meninos. LÍBIA também acredita que é possível, mas faz uma ressalva que a velocidade é diferente.

Contrariando as respostas anteriores, GANA afirma que “Mesmo nível não pelo biótipo. Mas qualidade sim” e SUÍÇA afirma que “Não, da mesma maneira que em alguns esportes os homens não conseguem atingir o nível feminino. Acredito que a estrutura física, faz a diferença”.

GRÉCIA além de acreditar que as mulheres têm capacidade para apresentarem o mesmo nível dos homens, ainda faz um apelo por investimentos e igualdade nas oportunidades, como pode ser verificado no seu relato:

Sim as mulheres têm capacidade. Embora existam diferenças físicas e biológicas entre homens e mulheres que podem afetar o desempenho atlético, essas diferenças não devem ser usadas para limitar as oportunidades das mulheres na modalidade. É importante que haja igualdade de oportunidades e investimentos no desenvolvimento do futebol/futsal feminino, para que as mulheres possam mostrar todo o seu potencial e competir em iguais de condições com os homens.

Em se tratando da procura de meninas por espaços que ofertem a prática de futebol e futsal, os dados apontam para uma frequência na busca por vaga. Contudo, a respeito da frequência das mesmas nos espaços de treino, os resultados mostram que geralmente o período que meninas permanecem treinando nas escolas de futebol e futsal é curto.

Esse resultado vem ao encontro do que diz Rial (2010), segundo a autora, além da invisibilidade, mulheres são pressionadas a obter resultados semelhantes aos adquiridos por homens. Explicando a razão de apenas 14,3% das meninas que procuram escolas de futebol permanecerem por mais de um ano.

Embora a pesquisa aponte que na maioria das vezes o pai ou a mãe acompanham a menina que deseja praticar futebol, mais de 70% da procura ocorre por meninas de até 12 anos, ou seja, crianças. Haja vista a Lei 8.069, Art. 2º que considera criança a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

Ou seja, a partir da adolescência observa-se uma baixa na procura de meninas com interesse em jogar futebol. Essa evasão na adolescência pode ser entendida ao verificar o gráfico que aponta para mais de 70% das meninas que treinam com meninos de mesma idade.

Viana (2015) relata que o fato de um menino ter dificuldades para jogar futebol causa estranheza e que perder a posse da bola para uma menina não é comum, sobretudo pelo fato de que meninos começam a praticar futebol mais cedo, seja no ambiente escolar ou mesmo tendo sua iniciação gerada nas ruas, é comum que antes mesmos dos dez anos de idade meninos pratiquem futebol com certa habilidade e frequência.

Considerando que meninos ingressam primeiro na modalidade e têm, nos ambientes que frequentam, mais estímulos para a prática do futebol, é comum que meninas e meninos da mesma faixa etária, ao jogarem futebol juntos, tenham desempenhos diferentes.

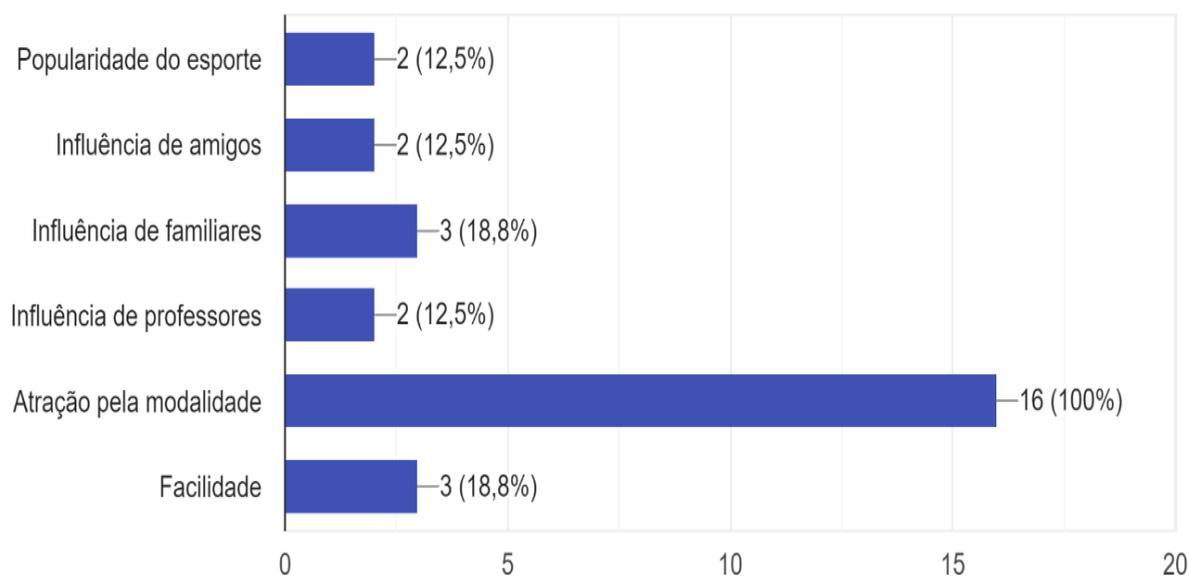
Os resultados desta pesquisa mostraram que 57% das meninas que chegam em escolas de futsal não possuem noções básicas do jogo, e outras 43% possuem noções de forma superficial, ou seja, é incomum meninas que apresentam valências técnicas ao ingressar em escolas de futebol.

Fundamentado nestes dados, fica evidenciado os fatores que geram a alta evasão por parte de meninas que jogam futebol com meninos, pois, por não possuírem domínio dos fundamentos do jogo, ao serem inseridas em grupos de mesma faixa etária de meninos, que em grande parte tiveram sua iniciação ao futebol anos antes, as meninas tendem a apresentar dificuldades de acompanhar o desempenho dos meninos e acabam por evadir destes espaços.

4.4 Mulheres praticantes de futebol ou futsal e familiares de meninas que praticam futebol ou futsal

A primeira pergunta do questionário direcionado às mulheres praticantes de futebol ou futsal e familiares de meninas que praticam futebol ou futsal, buscou entender os motivos que faziam com que as mesmas praticassem a modalidade.

Gráfico 14 - Motivações para procura do esporte



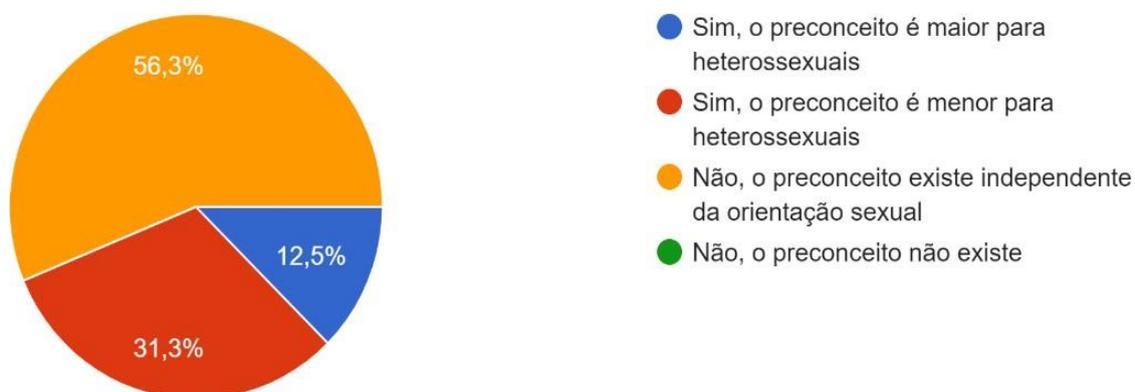
Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao ser colocado o seguinte questionamento: *Assinale os motivos que fazem você ou sua familiar praticar futebol/futsal* (a questão permitia assinalar mais de uma alternativa), foi possível identificar unanimidade em *atração pela modalidade*, com 100% das escolhas das participantes.

A popularidade do esporte foi fator determinante para 12,5% das participantes, mesma porcentagem encontrada nas alternativas *influência dos professores* e *influência dos amigos*. Os familiares tem influência de 18,8% na decisão das participantes em praticar o esporte. A facilidade de praticar a modalidade foi alternativa escolhida por 18,8% das participantes.

Já na pergunta seguinte buscou-se saber se a orientação sexual interfere no preconceito com meninas e mulheres que praticam futebol e futsal. 56,3% responderam que o preconceito existe independente da orientação sexual, já 31,3% responderam que a manifestação de preconceito é menor para heterossexuais e 12,5% acreditam que o preconceito é maior para os heterossexuais. Ninguém assinalou a opção que afirmava não existir preconceito (gráfico 15).

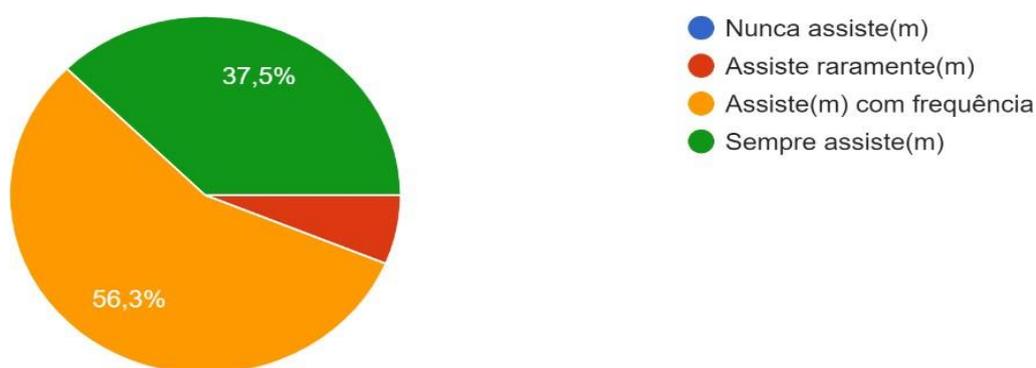
Gráfico 15 - Orientação sexual e preconceito



Fonte: Elaborado pelo autor.

A pergunta que buscou saber se a atleta ou os familiares assistiam a jogos de Futebol e/ou Futsal feminino, teve como resposta 56,3% assistem com frequência, 37,5% responderam que sempre assistem e 6,2% responderam que raramente assistem. Considerando as duas alternativas mais votadas, foi possível constatar por parte das participantes da pesquisa que 93,8% das mesmas acompanham os jogos de futebol feminino.

Gráfico 16 - Percentual que assiste jogos

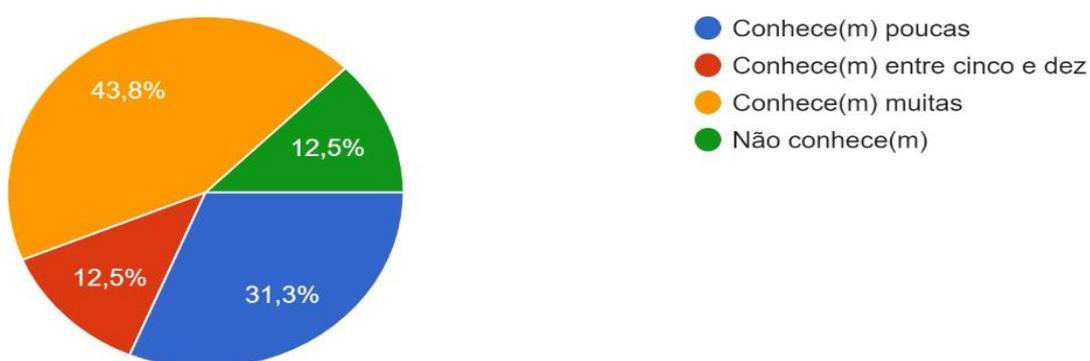


Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao serem questionadas se conheciam ou se a família conhecia jogadoras profissionais de futebol feminino, 43,8% responderam que conhecem muitas

jogadoras, 31,3% afirmaram conhecer poucas jogadoras, já 12,5% responderam que conhecem entre cinco e dez jogadoras, mesma porcentagem que afirma não conhecer jogadoras profissionais de futebol feminino.

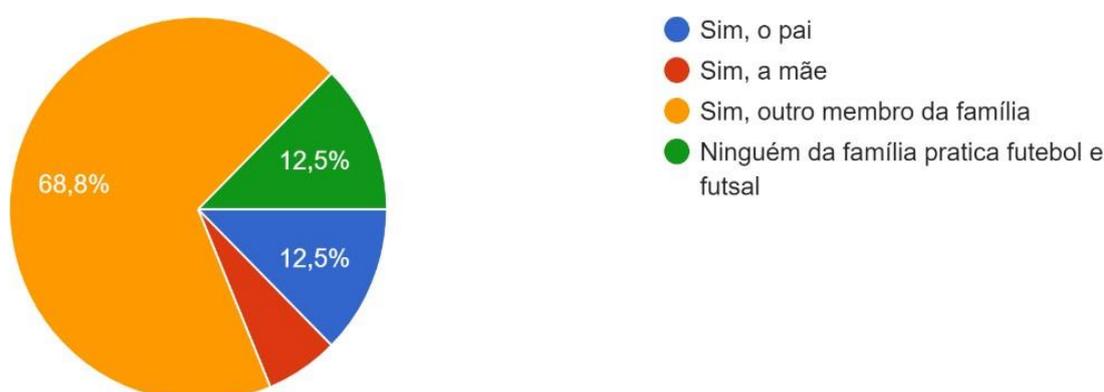
Gráfico 17 - Conhecimento sobre jogadoras profissionais



Fonte: Elaborado pelo autor.

Na pergunta que se referia a alguém da família praticar futebol e/ou futsal, 68,8% responderam que algum membro da família, que não era o pai ou a mãe, praticam o esporte. 12,5% afirmaram que o pai praticava futebol ou futsal, apenas 6,2% responderam que a mãe praticava a modalidade, porcentagem menor do que a encontrada na alternativa: ninguém da família pratica futebol ou futsal, que obteve 12,5% das escolhas das participantes.

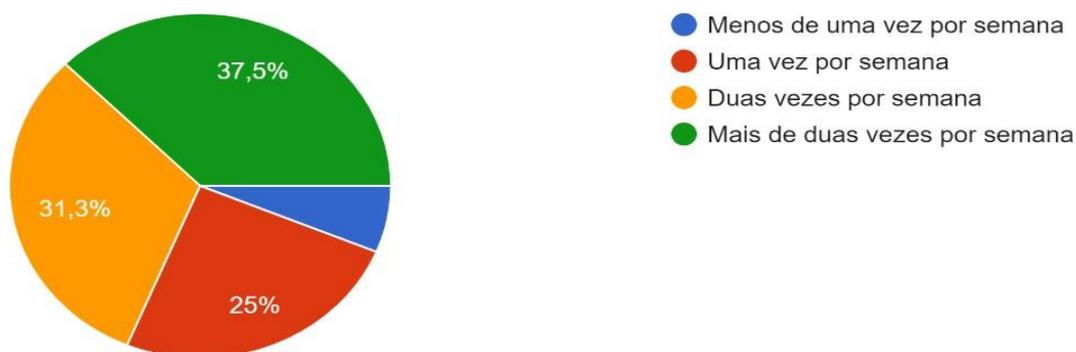
Gráfico 18 - Prática do esporte por familiares



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao serem questionadas sobre quantas vezes por semana a atleta ou seus familiares praticavam futebol e/ou futsal, 37,5% responderam que praticam mais de duas vezes por semana, 31,3% afirmaram praticar duas vezes por semana, já para 25% das participantes a prática ocorre uma vez por semana e apenas 6,2% responderam que praticam futebol e/ou futsal menos de uma vez por semana.

Gráfico 19 - Frequência de prática



Fonte: Elaborado pelo autor.

Na pergunta que buscou saber das pessoas próximas à atleta ou a sua família, quantas meninas ou mulheres praticam regularmente futebol e/ou futsal, 56,3% respondeu que mais de três pessoas próximas praticam a modalidade, 25% afirmou que ao menos uma pessoa próxima pratica, 12,5% das participantes da pesquisa tem ao menos duas pessoas próximas praticando o esporte e 6,2% respondeu que ao menos três pessoas próximas praticam regularmente futebol e/ou futsal.

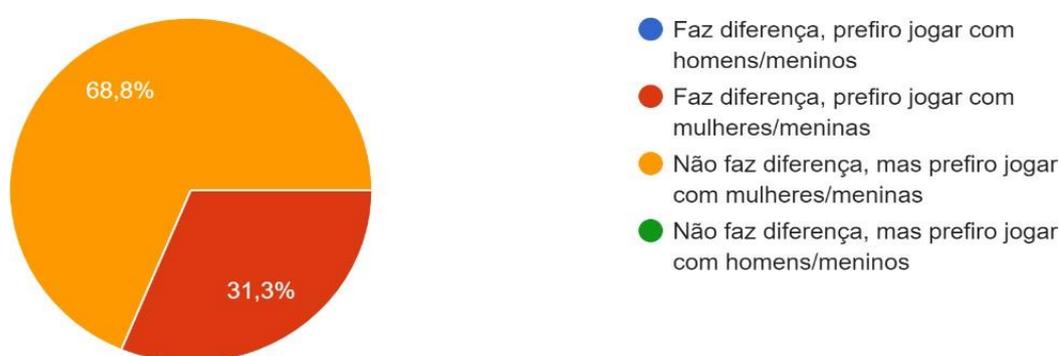
Gráfico 20 - Quantidade de pessoas próximas que praticam



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao ser questionado se para a atleta ou para sua família fazia diferença jogar com homens/meninos, 68,8% responderam que não faz diferença, mas prefere jogar com meninas/mulheres, já 31,3% afirmaram que faz diferença, mas mesmo assim preferem jogar com meninas/mulheres. Havia outras duas alternativas, sendo estas: *faz diferença, mas prefere jogar com homens/meninos* e *não faz diferença, mas prefere jogar com homens/meninos*, contudo nenhuma das duas alternativas foi escolhida pelas participantes.

Gráfico 21 - Preferência de gênero para parceria de jogo



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao serem perguntadas sobre qual é a maior dificuldade para que o futebol feminino se desenvolva, AMSTERDÃ aponta que "desenvolver um projeto e depois mudar a ideologia, isso dificulta o desenvolvimento da modalidade". Além do incentivo e oportunidade, comprometimento e envolvimento são citados por PORTO.

Para BERLIM e TÓQUIO, o preconceito ainda é o maior empecilho para o desenvolvimento da modalidade. A falta de apoio e incentivo para o futebol de mulheres é apontado como fator determinante por DACAR e FRANKFURT.

JACARTA vai além e diz que "o apoio dos esportes ou pessoas relacionadas ao futsal ou futebol".

Segundo COPENHAGUE:

São inúmeras dificuldades, dentre elas acredito que as maiores são falta de incentivo, as más condições de trabalho para a menina que tenta seguir carreira no esporte (e nisso incluo a má valorização financeira. A menina tem que "literalmente" ter amor pelo esporte, porque o retorno financeiro é baixíssimo), invisibilidade, preconceito, desrespeito.

Ao encontro do que relatou COPENHAGUE, publicidade e incentivo são relatados como motivos que dificultam o crescimento da modalidade para MOSCOU e FLORENÇA. Para ATENAS, "Não tem tanta visibilidade, oportunidade e investimento quanto no masculino.|"

Para JERUSALÉM "a falta de investimentos. Desde as categorias de base até o profissional os investimentos são muito baixos comparados aos do masculino|"

LIMA, PARIS E TIJUANA relatam que respeito, invisibilidade, a desvalorização, pois visibilidade e igualdade são determinantes para que o futebol de mulheres se desenvolva, o que corrobora com o pensamento de LISBOA ao afirmar que: "Igualdade de gênero. Creio que enquanto existirem diferenças entre homens e mulheres, falando num amplo aspecto socioeconômico, o futebol feminino, infelizmente, sempre estará atrás do masculino.

Quando questionadas se as mulheres têm capacidade de jogar futebol e/ou futsal no mesmo nível que os homens, AMSTERDÃ afirma: "Sim, temos a capacidade, mas é preciso que o investimento seja o mesmo|"

FLORENÇA e FRANKFURT afirmam que é possível, pois as mulheres possuem a mesma vontade ou até mais que os homens, pois enfrentam dificuldades para conseguir times e competições e que esse fator reforça o desejo e persistência delas em praticarem o esporte.

Para BERLIM "Com relação a habilidade sim, só os homens apresentam vantagem em força e velocidade.|" Resposta que dialoga com o pensamento de JACARTA, quando a mesma diz: "Não sei se no mesmo nível, porque os homens são mais ligeiros e tem mais força física.|"

COPENHAGUE afirma que as mulheres tem capacidade para jogar no mesmo nível que homens, e completa:

O futebol feminino é muito desvalorizado pela imprensa/mídia, não transmitem o futebol feminino como o masculino. Menos visibilidade, parece que é inferior, mas não é dessa forma. Basta acompanhar campeonatos mundo a fora e percebe-se que temos muita qualidade no futebol feminino. Digo isso sobre Brasileirão Feminino, Campeonato Inglês Feminino, Liga dos Campeões Feminina, Copa do Mundo... E não venham me dizer que não dá audiência, pois quanto tem futebol feminino na tv aberta, a audiência é enorme, tem retorno financeiro.

Discordando das respostas das demais participantes, DACAR afirma "Não existem mulheres muito habilidosas, mas em relação ao físico força e respiração perdemos." A diferença física também é citada por PARIS "Tem sim, na questão tática e mental sim, talvez não no físico."

ATENAS acredita ser possível, mesmo com a força física sendo maior dos homens, afirma que as mulheres podem se sobressair em outros aspectos, mas que para isso precisam do treinamento de acordo com suas necessidades e oportunidades, visto que os homens já têm desde criança.

De acordo com JERUSALÉM, as questões fisiológicas impedem uma igualdade em relações a homens e mulheres, é o que afirma ao dizer:

Por questões fisiológicas, não. No entanto, acredito que as diferenças fisiológicas não são a principal causa da disparidade que existe atualmente entre o futebol feminino e masculino. A falta de campos/quadras para treinar, materiais, profissionais qualificados (em todos os eixos que o esporte de alto nível necessita), auxílios/salários adequados, entre outros, pesa muito mais.

LIMA acredita que apenas a intensidade diferencia um jogo de mulheres para um jogo de homens, completa dizendo, "É natural, é da genética os homens terem mais força física que as mulheres, o que contribui para um jogo mais intenso. Tirando esse fator, existem muitas mulheres igualmente habilidosas e inteligentes que podem fazer um jogo 'bonito' e bom de se ver igual os jogos masculinos."

Para LISBOA, as mulheres podem jogar no mesmo nível, a mesma afirma que "creio muito que há aqueles que nascem com o dom e outros que adquirem habilidades com muito esforço e dedicação. Já vi muita menina/mulher jogar num mesmo nível que o seu adversário homem, e até se sobressair perante a ele."

PORTO e MOSCOU afirmam ser possível, pois as mulheres também tem técnica, habilidades e muitas jogam até mais que os homens. Para TIJUANA e TÓQUIO, se tivessem mais oportunidade, valorização e condições profissionais mais dignas, as melhores poderiam igualar o desempenho dos homens, pois possuem capacidades suficientes para isso.

Os resultados da pesquisa evidenciaram que o preconceito ainda é uma barreira enfrentada por meninas e mulheres que desejam praticar futebol e futsal. Mais de 50% das entrevistadas considera que independentemente da orientação

sexual, ocorre manifestação de preconceito pelo fato de meninas ou mulheres praticarem a modalidade.

Nos casos em que as praticantes são homossexuais, este preconceito é ainda maior, segundo os dados encontrados neste estudo. Cenário que continua sendo difícil mesmo com o aumento de visibilidade proporcionado por meio do televisoramento dos jogos de futebol de mulheres. Destaca-se sobre as transmissões que mais de 90% das entrevistadas afirmaram acompanhar com frequência os jogos de futebol de mulheres, algo que até poucos anos atrás era impensável.

Ao serem questionadas sobre a preferência em praticar futebol com homens ou mulheres, todas responderam preferir jogar com mulheres, com a ressalva de que a maior parte das entrevistadas afirmou sentir diferença quando pratica futebol com homens.

Grande parte das entrevistadas apontou como uma das maiores dificuldades para o desenvolvimento do futebol feminino a falta de incentivo. Seja por meio de políticas públicas efetivas, pela falta de apoio a projetos que tenham como pauta o desenvolvimento destas ações ou de investimento por parte do terceiro setor.

Um dos principais argumentos usados para diminuir a credibilidade do futebol de mulheres é a falta de intensidade e de habilidade técnica quando comparado ao futebol masculino. Tais alegações são usadas para reforçar o pensamento que clubes de futebol masculino não devem investir em futebol feminino pelo desempenho apresentado pelas mulheres.

Contudo, o esporte de alto rendimento requer investimento desde as categorias de base, para que na fase adulta seja possível atingir bons resultados como fruto de um processo formativo completo.

Segundo Melo (2010), o tempo de treino nas categorias de base se aproxima do tempo utilizado em equipes adultas de futebol profissional, e que crianças e adolescentes que visam a carreira profissional têm um nível altíssimo de exigências desde cedo, uma carga horária de treino que supera o tempo dedicado à formação escolar.

Esse investimento não é realizado nas categorias femininas, que não recebem o mesmo suporte, e que quando chegam na fase adulta, onde há a profissionalização,

enfrentam barreiras como salários que por vezes não cobrem nem suas despesas básicas.

Ou seja, não há altos investimentos na formação de base nem na categoria adulta, com equipes da elite do futebol brasileiro pagando atletas com ajuda de custos inferior a um salário mínimo (Alves; Barlem, 2023). É necessário a inversão desta ordem, havendo antes da exigência por desempenho um investimento forte na base a fim de formar atletas de alto nível e posteriormente garantir um salário que seja proporcional à dedicação e desempenho das atletas profissionais adultas.

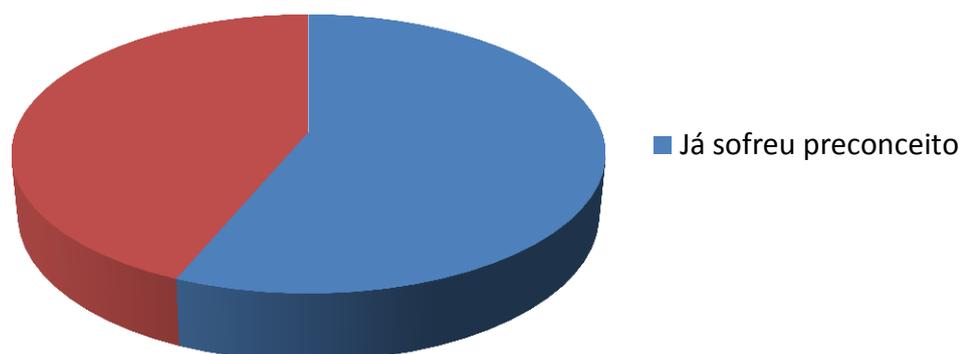
Uma possibilidade para atrair o público para os jogos de futebol de mulheres, é colocar o futebol feminino como jogo preliminar das equipes masculinas, para que os clubes possam vender eventos em que os ingressos permitiriam assistir partidas do futebol feminino antes do início das partidas de futebol masculino, com o objetivo de familiarizar e vincular seus torcedores aos times de futebol de mulheres, podendo assim reverter os recursos para investir nas categorias de base e profissional do futebol feminino.

Ao serem questionadas se já sofreram preconceito por jogar futebol e/ou futsal, AMSTERDÃ , ATENAS, FLORENÇA, LIMA, LISBOA, PORTO, TIJUANA e TÓQUIO afirmaram já terem sido vítimas de preconceito por jogarem futebol ou futsal.

COPENHAGUE também afirma já ter sofrido preconceito, relatando que: "preconceitos machistas de que eu era "Sapatão" por jogar bola; isso não é coisa de mulher fazer; deveria estar em casa fazendo o teu serviço doméstico"

Já BERLIM, DACAR, FRANKFURT, JACARTA, JERUSALÉM, MOSCOU e PARIS afirmaram nunca terem sido vítimas de preconceito por jogarem futebol ou futsal. O que representa que um total de 56,3% afirmando já terem sofrido algum tipo de preconceito por praticar a modalidade, enquanto que 43,7% relataram nunca terem sido alvo de preconceito (gráfico 22).

Gráfico 22 - Preconceito por jogar futebol/futsal

Meninas e mulheres que já sofreram preconceito por jogarem futebol ou futsal?

Fonte: Elaborado pelo autor

Na pergunta que buscou saber se o futebol e/ou o futsal pode(m) influenciar na orientação sexual de uma menina/mulher, apenas ATENAS afirmou acreditar que praticar a modalidade pode influenciar na orientação sexual, enquanto COPENHAGUE afirma "Não, a orientação sexual não tem influência com o fato de a menina/mulher jogar futebol/futsal.|"

Das dezesseis participantes, quinze afirmam não acreditar que há qualquer tipo de influencia sexual em razão da pratica da modalidade, o que resulta em 93,7%, como pode ser conferido no gráfico abaixo.

Gráfico 23 - Influencia do esporte na orientação sexual



Fonte: Elaborado pelo autor

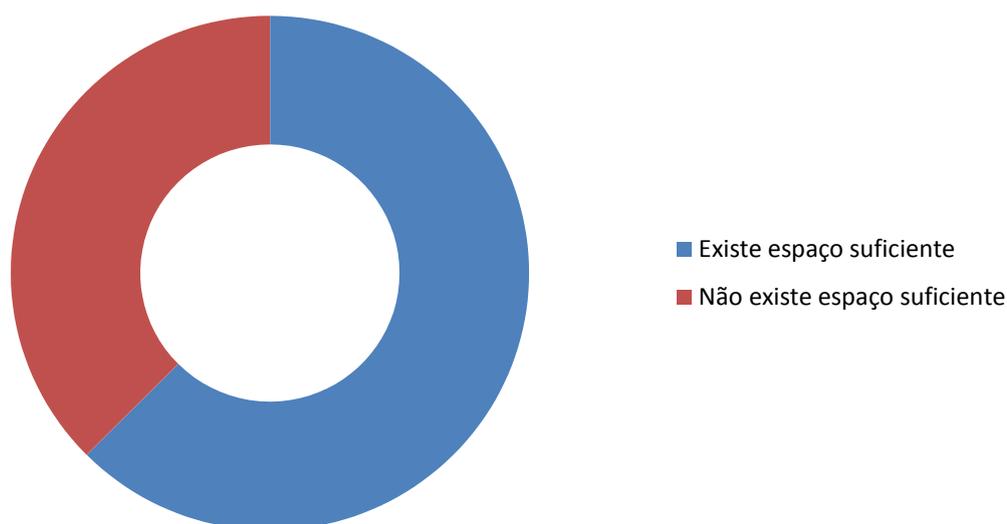
Quando questionadas se existem espaços suficientes para meninas e mulheres jogarem futebol e/ou futsal, BERLIM afirma "Hoje em dia sim, quando eu era criança tinha que jogar com os meninos."

Para AMSTERDÃ, ATENAS, FLORENÇA, LIMA, LISBOA, PARIS, PORTO, TIJUANA E TÓQUIO, ainda não há espaços suficientes, JERUSALÉM completa "De uma forma geral, há poucos espaços direcionados às mulheres no esporte em escolinhas, por exemplo."

Para JACARTA e MOSCOU existem espaços suficientes. DACAR considera os espaços suficientes, mas pondera "mas existe mais pro masculino". FRANKFURT considera que existem espaços mas que a falta de apoio atrapalha um pouco, já COPENHAGUE afirma que os espaços para a prática do esporte que existem são suficientes.

Portanto, 62,5% das participantes acreditam existir espaço suficiente para meninas e mulheres que praticam Futebol e Futsal, já 37,5% consideram ser insuficiente a quantidade de espaços que ofertam futebol e futsal para meninas e mulheres (gráfico 24).

Gráfico 24 - Espaço para meninas e mulheres no esporte

Existe espaços suficientes para meninas e mulheres jogarem futebol e/ou futsal?

Fonte: Elaborado pelo autor

Ao serem perguntadas sobre qual é a maior dificuldade para as meninas e mulheres que jogam futebol e/ou futsal, AMSTERDÃ relata que "no futebol e/ou futsal são inúmeras dificuldades que não tem como dizer qual é a maior. Ex: a valorização, o preconceito, chances de participação do esporte, família.}}

COPENHAGUE diz:

Falta de apoio e incentivo ao esporte, desde categorias de base até o profissional. Falta de escolinhas para meninas, falta de profissionais qualificados para atuar com o futebol feminino, falta de interesse e investimento, descaso dos clubes brasileiros (e digo aqui não só de grandes clubes, mas clubes de todas as cidades desse país, pequenos e grandes, deveriam ter times masculinos e femininos) Se fala muito em futebol feminino de uns anos pra cá, mas somente se fala porque agir realmente e fazer o futebol feminino acontecer, muito pouco.

Para ATENAS, JACARTA e FRANKFURT, ter o apoio financeiro e da família

é uma dificuldade presente no futebol feminino. DACAR também considera Incentivo e melhores condições financeiras, indo ao encontro do que diz TÓQUIO quando aponta a falta de patrocínio como uma dificuldade.

Para BERLIM, muitas mulheres praticantes de futebol ainda sofrem com o preconceito, pensamento que dialoga com FLORENÇA, PORTO e TIJUANA, que também consideram o preconceito uma difícil barreira para a modalidade.

Para LISBOA, "o preconceito de modo geral.. ainda há homens machistas e uma população não evoluída onde acham que futebol não é coisa de mulher. Algumas meninas/mulheres acabam se "bloqueando" ou não tem apoio da família e amigos.|"

JERUSALÉM afirma "difícil pensar em apenas uma, mas acredito que a falta de apoio da família, por ser uma carreira incerta.|" Segundo LIMA e MOSCOU a maior dificuldade é a falta de mais oportunidades e incentivo.

PARIS alega que a dificuldade pode vir pela falta de apoio dos próprios familiares, quando diz: "falta de apoio da família, muitas vezes o preconceito vem dos próprios familiares. Machismo em geral, as pessoas ditando o que é de menino e o que é de menina.|"

Na pergunta que buscou saber se já pensou em deixar de jogar futebol e/ou futsal por conta de preconceitos, AMSTERDÃ afirma que "Jamais pensei parar por este motivo.|" ATENAS, BERLIM, JACARTA, JERUSALÉM, LIMA, MOSCOU, PARIS, PORTO reponderam que nunca pensaram em deixar de praticar a modalidade.

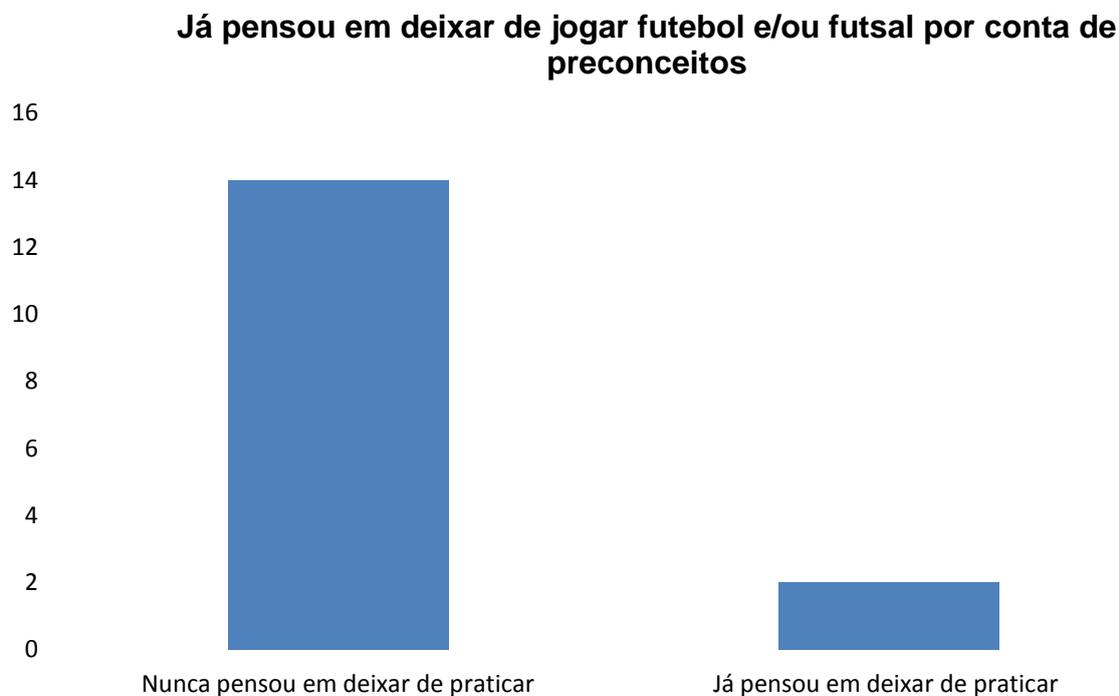
COPENHAGUE relata "Não, nunca deixei e nem não vou deixar de praticar meu esporte favorito.|" já para TÓQUIO o amor pela modalidade fala mais alta "Não, meu amor pelo futsal é maior.|" FRANKFURT por sua vez, afirma que "jamais, se não lutarmos por nossos direitos, seremos seres humanos incompletos.

LISBOA cita que o apoio da família foi fundamental para que não pensasse em deixar de praticar futebol ou futsal, quando diz "Eu particularmente, não. Mas o que me fez seguir em frente, de cabeça erguida nas minhas escolhas, com certeza, foi o apoio de incentivo dos meus pais.|"

FLORENÇA e TIJUANA afirmaram já terem pensado em deixar de jogar futebol e/ou futsal por conta de preconceitos, o que representa 12,5% das

participantes da pesquisa, enquanto 87,5 % das participantes responderam que nunca pensaram em deixar de praticar futebol ou futsal (gráfico 25).

Gráfico 25 - Pensamento sobre deixar o esporte em razão do preconceito



Fonte: Elaborado pelo autor

Ao serem questionadas se a representação nas mídias, como transmissão de jogos de futebol feminino na TV aberta, ajuda a promover o futebol feminino, todas foram unânimes em afirmar que ajuda a promover a modalidade.

COPENHAGUE acredita que ajuda a promover o futebol de mulheres e afirma:

Esse é o meio de divulgação com maior alcance ao público em geral. Porém a TV aberta divulga e transmite o futebol feminino somente em "momentos especiais" que são lucrativos para seus bolsos. Tem muito discurso de empoderamento do futebol/futsal feminino, mas na prática, o caminho na luta para ocupar esses espaços ainda é longo.

TÓQUIO afirma que ajuda, mas ainda considera pouco divulgado acho para realidade hoje. LISBOA concorda que ajuda a divulgar e vê uma melhoria em relação a tempos passados, ao afirmar "não chegamos lá, mas hoje estamos mais

perto do que ontem||.

Quando questionadas sobre o que acreditavam que deveria ser feito para que as meninas e mulheres tenham mais espaço e não sofressem preconceito por jogarem futebol. As entrevistadas elencaram diversos fatores que julgavam ser determinantes para uma mudança de cenário no ambiente futebolístico.

Entre as resposta, TIJUANA afirma que "devem existir mais incentivos , maior valorização e maior informação/conhecimento sobre o futebol feminino.|| JACARTA, MOSCOU e PARIS também sustentam em suas respostas que ter maior incentivo é ponto chave para possibilitar que meninas e mulheres tenham mais espaço no futebol.

AMSTERDÃ, por sua vez, adota um posicionamento que confronta o discurso do futebol como algo para os homens, indo ao encontro do que diz Damo (2005) ao tratar o futebol como culturalmente masculino. Em parte de sua resposta, AMSTERDÃ cita que "Devemos trocar o discurso de que futebol é coisa de meninos e que o futebol influência na opção sexual. O esporte é para todos, e a opção sexual nasce com a gente e com o tempo vamos descobrindo o que somos||

PORTO, em sua resposta, reforça os elementos trazidos por AMSTERDÃ, quando em um trecho diz " - As pessoas precisam abrir a cabeça, e entender que estamos no século XXI, mulheres podem praticar os mesmos esportes e fazer as mesmas coisas que os homens.|| Evidenciando que ainda é muito viva a ideia do futebol como um esporte para homens.

ATENAS, BERLIM, COPENHAGUE e FLORENÇA trazem em suas respostas a necessidade de que haja mais projetos voltados para o futebol feminino, mais do que isso, sugerem que os mesmos sejam implantados não só nas grandes equipes, por obrigatoriedade junto as suas federações, mas em bairros e cidades do país, bem como o que já existe para o naipe masculino.

Sugerem ainda que os projetos atendam as categorias adultas, mas que também trabalhem com as categorias de base, atendendo desde cedo meninas que demonstram ter interesse no ingresso à modalidade. Como podemos verificar na íntegra das respostas, onde ATENAS diz "Projetos implantados nas cidades, não só para adultas, mas também para que desde criança tenha uma base e vivência no esporte. Visibilidade nas mídias e apoio dos times masculinos para promover esta

categoria.||

BERLIM relata que “Aos poucos as mulheres estão ganhando espaço, tem uma questão cultural por trás disso, o machismo ainda está muito presente, já estão sendo feito mais projetos e criando mais visibilidade, acredito que estamos no caminho.||

Já COPENHAGUE fez um desabafo ao relatar que:

Toda cidade deste país deve (deveria) ter projetos de futebol/futsal feminino, desde categorias de base até adulto. Com competições, eventos para a prática do futebol feminino. Não adianta cobrar somente de grandes clubes, da grande mídia. A gente no nosso bairro, nossa cidade, nossas escolas, departamentos de esporte do município deveriam ter eventos direcionados para o futebol feminino. Mas para que isso aconteça, precisamos que profissionais da área tenham a mesma vontade de fazer eventos para a prática do futebol masculino E FEMININO na mesma intensidade. Sabemos que a visibilidade não é a mesma do masculino, falta respeito, falta apoio, patrocínios, falta espaço na mídia local e nacional... A luta do futebol feminino está muito longe de terminar, temos muitos pré-conceitos para quebrar, mas nós mulheres somos muito guerreiras e não vai ser um olhar torto ou uma piadinha de que mulher não joga nada que vai fazer a gente desistir. Quero deixar aqui meu agradecimento de coração para toda pessoa que abraça essa causa e tenta fazer o futebol feminino viver. #LugarDeMulherÉOndeElaQuiser||.

FLORENÇA, por sua vez, “Acho que uma das ideias que o time da UTF de Taquara já faz, com a abertura da escolinha para as meninas, la podem aprender e jogar sem preconceitos. Deveria ter mais escolinhas femininas em outras cidades e divulgarem.||

Outro ponto citado pelas entrevistadas, foi a importância de maior divulgação do futebol de mulheres, não apenas nas representações nas grandes mídias, através por exemplo, da transmissão de jogos, algo cada vez mais comum em canais abertos no Brasil, mas também em veículos regionais e municipais, dando ao futebol de mulheres o mesmo espaço dado aos homens.

Esse fator apontado pelas entrevistadas pode ser visto em um trecho da resposta de JERUSALÉM “No âmbito do futebol/futsal profissional, penso que deveria existir mais divulgação e transmissão dos jogos na tv aberta, pois assim o futebol feminino conseguiria, além do apoio do público, arrecadar mais dinheiro para investir nas meninas, deixando o futebol feminino cada vez mais bonito de se ver.||

DACAR cita o respeito para com a escolha do próximo em praticar o esporte que desejar, afirmando que "As pessoas tem que entender que o esporte é para todos." LIMA também sustenta a ideia de que é necessário uma mudança de comportamento, onde haja mais respeito, como podemos acompanhar em seu relato "Acho que o futebol feminino deveria ter mais visibilidade, para assim ampliar as oportunidades dadas as meninas.

Em relação aos preconceitos, é tudo questão de respeito ao próximo. Os clubes e organizações podem e devem fazer campanhas contra o preconceito, mas cada pessoa deve se conscientizar e entender que hoje em dia não existe mais espaço para isso, seja no futebol ou em qualquer lugar."

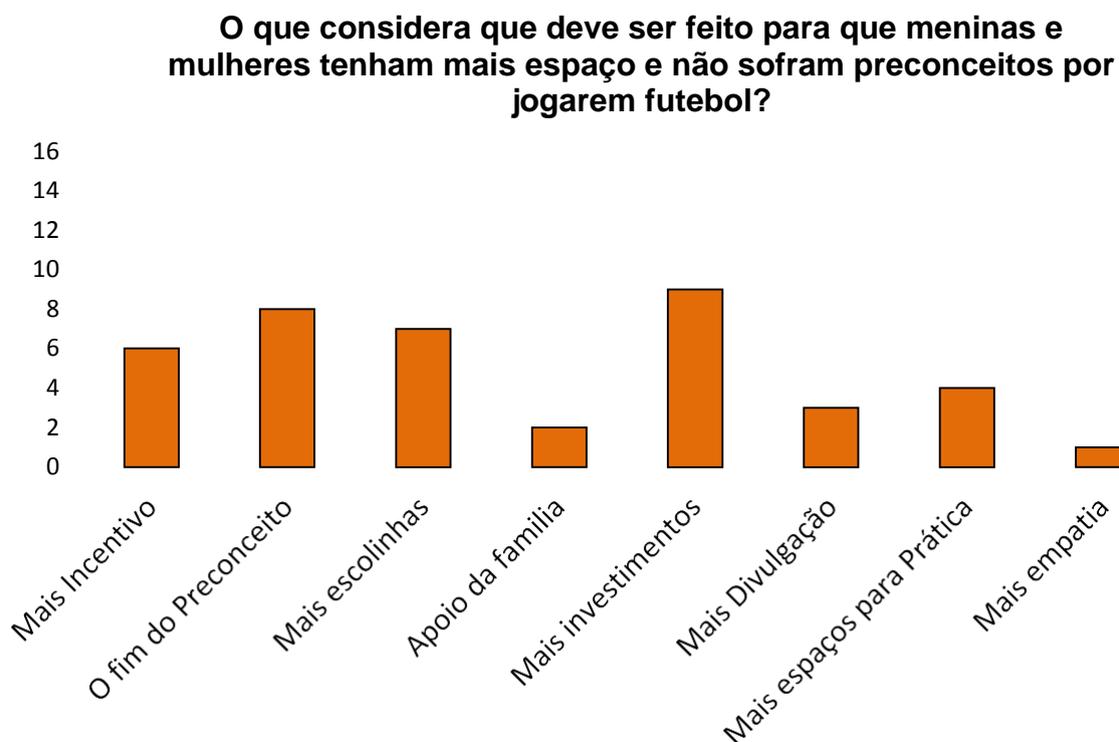
TÓQUIO e PARIS, citam o apoio da família como motivador para meninas e mulheres não abrirem mão do desejo de praticar futebol.

BERLIM e LISBOA demonstram otimismo com a evolução do futebol feminino, com quebra de algumas barreiras, com aumento de exposição do futebol de mulheres, transmissão de jogos e representatividade, como pode ser visto nestes trechos das suas entrevistas.

BERLIM fala que, "Aos poucos as mulheres estão ganhando espaço, tem uma questão cultural por trás disso, o machismo ainda está muito presente, já estão sendo feito mais projetos e criando mais visibilidade, acredito que estamos no caminho." LISBOA "As mudanças estão ocorrendo, aos poucos, mas hoje já estamos num patamar muito além daquilo que um dia pensamos que chegaríamos. Isso me deixa muito feliz!!! Creio que cada vez mais ganharemos espaço, e, quem sabe um dia, teremos igualdade de gênero em todos os aspectos!!!

Deste modo os resultados obtidos apontam que 56,2% das participantes acreditam que para meninas e mulheres terem mais espaço e não sofrerem preconceitos por jogarem futebol deve se ter mais investimentos, enquanto 50% afirmam ser o fim do preconceito, 43,7% mais escolinhas, 37,5% mais incentivo, 25% mais espaços para prática, 18,7% mais divulgação, 12,5% apoio da família e para 6,3% o caminho é ter mais empatia.

Gráfico 26 - Soluções para maior participação de meninas e mulheres



Fonte: Elaborado pelo autor

Os resultados revelam que meninas e mulheres que praticam futebol ou futsal ainda enfrentam uma série de dificuldades e limitações. A falta de apoio familiar, a ausência de espaços para prática da modalidade e o preconceito são barreiras ainda presentes no Futebol de mulheres.

Dentre as soluções sugeridas, foi possível verificar que grande parte das participantes considera o investimento no futebol feminino um caminho para mudança do cenário. O aumento de escolinhas de futebol e futsal para meninas é visto como possibilidade para evitar a evasão e o preconceito com meninas que desejam praticar futebol ou futsal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol, bem como futsal, são paixões da nação brasileira. Embora sejam esportes diferentes, são modalidades homogêneas e extremamente populares, com milhões de praticantes em nosso país.

Em um país que tem sua identidade atrelada ao futebol, é comum que existam muitos lugares ofertando a prática desta modalidade. Contudo, em se tratando de futebol praticado por mulheres, as ofertas não são as mesmas.

Futebol e futsal se assemelham em muitos aspectos, sendo que por vezes um torna-se complementar ao outro. Portanto, muitas escolas e centros de treinamento de futebol e futsal atuam ofertando vagas para crianças a partir de 4 anos.

Por ter se tornado um mercado lucrativo, o futebol passou a ser visto como negócio e gera diversos investimentos. Empresários garimpam atletas em potencial para terem a carreira agenciada, na expectativa de uma mudança de vida e de encontrar um caminho mais curto para o sucesso e a independência financeira.

Porém, este estudo evidenciou que são restritos os espaços para meninas e mulheres praticarem futebol. Se para meninos e homens a oferta supre a demanda, dada a quantidade de quadras, espaços públicos, escolas e centros de treinamentos voltados a esta modalidade, no caso de meninas e mulheres praticantes de futebol a realidade é destoante.

No vale do Paranhana, região onde está situada a cidade de Taquara, há mais de vinte e cinco projetos que trabalham futebol ou futsal tendo como público alvo meninos. Número assustadoramente maior do que os projetos que tem como público alvo meninas, que dentre as seis cidade que compõe a região, constatou-se a existência de apenas dois projetos que objetivam o trabalho com meninas.

Para além da falta de oferta para meninas praticarem futebol, outra constatação é do preconceito estrutural a respeito de mulheres que jogam futebol. Mesmo tendo rompida a barreira de decretos e proibições legais que afastaram as mulheres da modalidade por longos anos, o preconceito segue sendo um entrave se manifestando transvestido de piadas e brincadeiras que rotulam meninas e mulheres que praticam futebol.

A procura de meninas por escolas e centros de treinamento de futebol, aumentou nos últimos anos. Não por acaso, coincide com o aumento da representatividade que o futebol de mulheres recebeu nos últimos anos das mídias tradicionais.

As transmissões do Campeonato Brasileiro Feminino, tendo mulheres representando os grandes clubes brasileiros de futebol masculino, e a transmissão da Copa do Mundo Feminina, competição que reúne as melhores jogadoras das melhores seleções do Futebol mundial, contribuíram para que mulheres recebessem apoio da torcida dos grandes clubes, que antes só tinham no naipe masculino a condição de torcer pelas suas equipes.

A popularização da modalidade leva meninas a buscarem espaços para jogarem, algumas na expectativa de se tornarem jogadoras profissionais, outras visando a prática por recreação. Contudo, este estudo revelou um alto índice de evasão por parte destas meninas, em razão da baixa existência de espaços voltados para prática do futebol de mulheres.

Se na fase da infância e adolescência meninas evadem por não encontrarem um ambiente para a prática de futebol e futsal, restou evidenciado que, enquanto adultas, não pensam em deixar de praticar a modalidade.

A ampla maioria das entrevistadas alega já ter sofrido algum tipo de preconceito, o mais comum deles diz respeito a orientação sexual. Manifestações preconceituosas comparando mulheres que tem boa desenvoltura na modalidade com homens e piadas insinuando que praticar futebol ou futsal fará com que se tornem homossexuais são refutadas pelos resultados dos questionários, que apontam para uma expressiva maioria que nega a prática de futebol ou futsal tenha influenciado sua orientação sexual.

Com base nos resultados obtidos neste estudo, é possível apontar para algumas iniciativas a fim de contribuir para um cenário que proporcione maior equidade entre o futebol masculino e o futebol feminino.

Entre as possibilidades para alavancar o futebol de mulheres está a inclusão dos jogos femininos como preliminares aos jogos oficiais das equipes masculinas. Partindo do princípio que as equipes masculinas levam até o estádio seus torcedores nos dias de jogos, utilizar a mesma data para que possam assistir

partidas de futebol feminino ajuda na vinculação da torcida com as equipes feminina, tornando possível nos grandes jogos que as equipes femininas venham a ter, como finais, o estádio cheio para prestigiar suas partidas.

Deste modo, gera renda para o clube investir em equipes mais competitivas, infraestrutura e suporte para que suas equipes femininas possam apresentar um espetáculo ainda mais atrativo ao público, justificando a venda de ingressos.

Importa ressaltar que o aumento de receitas permite aos gestores o investimento nas categorias de base feminina, a fim de proporcionar a formação de atletas dentro de seus próprios clubes, incentivando também o fomento aos espaços que tenham como público alvo o futebol feminino em categorias de base.

Estas iniciativas podem não resolver a totalidade dos problemas enfrentados por meninas e mulheres que praticam futebol ou futsal, mas visam minimizar algumas das dificuldades que são fruto de anos enfrentando limitações, proibições e preconceitos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Lacy Maria; CASADO, Irene Luciana, Taquara de Tristão José Monteiro. Taquara; Porto Alegre: Pratika; Palloti, 1986.

ALMEIDA, Marina Oliveira de. Do amadorismo à profissionalização: de 1930 até hoje. **Ludopédio**, São Paulo, v. 42, n. 8, 2012.

ALMEIDA, Caroline Soares. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do Futebol Feminino no Brasil. **FuLiA/UFMG**, v. 4, n. 1, p. 72-87, 2019.

ALTMANN, H.; REIS, H. H. B. dos. Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamento e de conquistas. **Movimento**, [S. l.], v. 19, n. 3, p. 211-232, 2013.

ALVES, Camila; BARLEM, Cíntia. **Orçamento específico, estrutura diferente**: veja o que mudou nos times da A1 após regra no Brasileiro. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-feminino/noticia/2023/03/17/orcamento-especifico-estrutura-diferente-veja-o-que-mudou-nos-times-da-a1-apos-regra-no-brasileiro.ghtml>. Acesso em: 07 fev. 2024..

AMARAL, T. R. P.; THIENGO, R. C.; OLIVEIRA da S. I. F. Os motivos que levaram jogadores de futebol amador a abandonarem a carreira de jogador profissional. EFDeportes.com, **Revista Digital. Buenos Aires**, Año 12, n° 115, dic.2007.

ANJOS, Gabriele dos. Identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências. **Sociologias**, p. 274-305, 2000.

BACH, Paulo Cezar Teixeira; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Escolas de futebol e a construção do estilo nacional. **Corpus et Scientia**, v. 6, n. 2, 2010.

BALZANO, O. N.; MORAIS, J. S. A formação do jogador de futebol e sua relação com a escola. **EFDeportes**, n. 172, set. 2012.

BARBOSA, J. S. A, GARRIDO L. J. S. Pênalti: a história que o futebol não conta. Uniesp. **Revista saber acadêmico**, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: 70, 2011. 229 p.

BARROS, Paulo Heitor Leal. O Mundo do Trabalho. Das senzalas às atafonas: a memória do trabalho escravo e do negro liberto em Taquara. In: REINHEIMER, Dalva (Orgs.). Terra, gente e fé: aspectos históricos de Taquara do Mundo Novo. Taquara: FACCAT, 2005.p. 37-42

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Nova Fronteira, 2014.

BEZERRA, Patrícia Rangel Moreira. **O Futebol Midiático**: Uma reflexão crítica sobre o jornalismo esportivo nos meios eletrônicos. Faculdade Cásper Líbero, Mestrado em Comunicação, São Paulo – 2008.

BRANDÃO, Maria Regina Ferreira. **Fatores de stress em jogadores de futebol profissional**. 2000. 205 f. Tese (Doutorado em Ciências do Esporte) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

BRETAS, A. O "football" e a "barbaria de atitudes": a visão de Otto Prazeres em 1944. In: **Anais ... CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA. ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS**, X, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-172.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**. São Paulo: Autêntica, 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. 288p.

CALDAS, Waldenyr. **Pontapé inicial: contribuição à memória do futebol brasileiro (1894-1933)**. 1989. Tese (Livre Docência) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. A cultura do futebol. NOGUEIRA, Armando et. al. 38 Técnicos: Deuses e Diabos da Terra do Futebol. São Paulo: Sesc, 2002.

CARMONA, L.; POLI, G. **Almanaque do Futebol**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: COB, 2006. 312p.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A.; SILVA, Roberto. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson, 2007

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. Relatório e Gestão. 2017. Disponível em: <https://portaldegovernanca.cbf.com.br/relatorio-gestao> Acesso em: 28 fev. 2024.

COELHO, Eduardo; MACHADO, Jean Marlon; SCHUTZ, Elinai dos Santos Freitas. Fatores motivacionais para a prática de futsal e futebol por crianças e adolescentes: uma revisão sistemática. **RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 13, n. 55, p. 604-614, 2021.

CRUZ, Romerito Trentini. Influência em participar da escolinha de futebol. **RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 3, n. 10, p. 3, 2011.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DARIDO, S. C. Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. **Motriz**. Rio Claro, abr-ago/2002, v. 8 (2), p. 43-9.

DEVIDE, F. P. **Gênero e Mulheres no Esporte**: História das Mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos. Ijuí: Unijuí, 2005.

DRURY, Scarlett, et al. "I'm a Referee, Not a Female Referee": The Experiences of Women Involved in Football as Coaches and Referees. **Frontiers in sports and active living**, 2022, v. 3, p. 789321.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 2a ed. 18. Impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERRETTI, Marco Antônio de Carvalho et al. O futebol feminino nos Jogos Olímpicos de Pequim. Motriz: Revista de Educação Física (Online), v. 17, n. 1, p. 117- 127, 2011.

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"?: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista brasileira de história**, 2005, vol. 25, p. 315-328.

FREIRE, João Batista. **Pedagogia do futebol**. Autores Associados, 2021.

FRISSELI, Ariobaldo; MANTOVANI, Marcelo. **Futebol Teoria e Prática**. São Paulo-SP: Phorte, 1999.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, M. G. B.; TURATO, J. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Caderno de Saúde Pública**, v.24, n.1, 17-27, 2008.

GALLUCCI, D.R. **Há quase 100 anos as brasileiras invadiram os gramados**. 2010. In: Brasil: Almanaque de Cultura Popular. Disponível em: <https://almanaquebrasil.com.br/files/curiosidades-esporte/6404-ha-quase-100-anos-as-brasileiras-invadiram-os-gramados/> Acesso em: 28 fev. 2024.

GEHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela UAB/UFRGS e pelo curso de graduação tecnológica – Planejamento e gestão para o desenvolvimento rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/52806>. Acesso em: 28 fev. 2024.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. Editora Contexto, 2013.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque; MEDEIROS, Jimmy. De "país do futebol" a "país dos megaeventos": um balanço da modernização dos estádios brasileiros sob a ótica das torcidas organizadas da cidade de São Paulo. Recorde: **Revista de Historia do Esporte**, v. 12, n. 1, 2019.

IANNI, F. "O profissionalismo do futebol brasileiro: uma abordagem historica." Universidade do Futebol. 2008. Disponível em: <http://universidadedofutebol.com.br/o-profissionalismo-do-futebolbrasileiro-uma-abordagem-historica> Acesso em: 10 fev. 2024.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua** (PNAD). 2017. Disponível em: www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html Acesso em: 20 fev. 2024.

IBGE. Cidades: **Taquara**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/taquara> Acesso em: 28 fev. 2024.

JUNG, Carlos Fernando. Metodologia para pesquisa e desenvolvimento: aplicada a novas tecnologias, produtos e processos. Axcel Books, 2004.

KOPANAKIS, Annie Rangel; SILVA, Gustavo Renan de Almeida da; AIELLOVAISBERG, Tânia Maria José. Impedimentos no país do futebol. Revista Estudos Feministas, v. 29, 2021.

LAQUEUR, T; WHATELY, V. **Inventando o sexo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LYSA, Charlotte. Fighting for the right to play: Women's football and regime-loyal resistance in Saudi Arabia. **Third World Quarterly**, v. 41, n. 5, p. 842-859, 2020.

LOVISOLO, H. Sociologia do esporte (futebol): conversações argumentativas. In HELAL, R.; LOVISOLO, H.; SOARES, .A.J. **Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. Olhares atrevidos: ensaios foucaultianos sobre Educação. **Educação & Realidade**, v. 21, n. 1, 1996.

LOURO, G.L. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: vozes, 1997.

MARQUES, M. P.; SAMULSKI, D. M. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.23, n.2, p.103-19, abr./jun. 2009.

MARTINS, Mariana Zuaneti; SILVA, Kerzia Railane Santos; VASQUEZ, Vitor. As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil. **Movimento**, v. 27, 2021.

MASCARENHAS, S. A. **Metodologia Científica**: São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

MELO, L. B. S. **Formação e escolarização de jogadores de futebol do Estado do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

MOREIRA, Verónica; GARTON, Gabriela. Fútbol, nación y mujeres en argentina: Redefiniendo el campo del poder. **Movimento**, v. 27, 2021.

MOURÃO, Ludmila. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, 2000, v. 6, no 13, p. 5-18.

MUSEU DO FUTEBOL. **Visibilidade para o Futebol Feminino**. 2018. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/7wWxL29yfLwzIQ?hl=pt-BR> Acesso em: 28 fev. 2024.

NEGRÃO, R. F. O trabalho do jogador de futebol profissional. São Paulo. **Revista Discorpo**, 1994; 2, p. 59-68.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. Tradução Luiz Felipe Guimarães Soares. **Revista Estudos Feministas**, v.8, n.2, 2000.

NICHOLSON, Linda. La interpretación del concepto de género. In: TUBERT, Silvia (ed.) **Del sexo al género: los equívocos de un concepto**, p. 47-82, 2003.

NOVAIS, Mariana Cristina Borges et al. Treinadoras e auxiliares do futebol feminino no Brasil: subversão e resistência na liderança esportiva. **Movimento**, v. 27, pág. e27023, 2022.

NUNAN, Adriana. **Homossexualismo: do Preconceito aos Padrões de Consumo**. Rio de Janeiro: Caravansaraí, 2003.

PROCHNIK, L. O futebol na telinha: a relação entre o esporte mais popular do Brasil e a Mídia. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, XV, Vitória, 2010. **Anais ...** São Paulo: Intercom, 2010.

RIAL, Carmen. Women's. Football in Brazil: invisible but under pressure. Copenhagen: Sport as a Global Labor market; Male and Female athletes as migrants, 2010.

RODRIGUES, Franciso Xavier Freire Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. **Sociologias** [online]. 2004, n. 11.

ROSA, Marcelo Victor da et al. **Educação Física e Homossexualidade: investigando as representações sociais dos estudantes do centro de desportos/ufsc**. 2004.

SALVADOR, Marco Antonio Santoro. **A memória da copa de 70: Esquecimento e lembranças do futebol na construção da identidade nacional**. 2005. 231 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2005.

SANTIAGO, Tiago Costa. **Questões de gênero e sexismo na prática do futsal feminino na escola**. 2017. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução Vascaína: a** profissionalização do futebol e inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934). 2010. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2010. doi:10.11606/T.8.2010.tde-26102010-115906. Acesso em: 2022-09-19.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; DRUMOND, Maurício. A construção de histórias do futebol no Brasil(1922 a 2000): reflexões. **Tempo**, v. 19, p. 19-31, 2013.

SANTOS, Priscilla Bertoldo dos et al. Fatores geradores de estresse para atletas da categoria de base do futebol de campo. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 18, p. 208-217, 2012.

SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & realidade**. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 (jul./dez. 1995), p. 71-99, 1995.

SCOTT, J. O enigma da Igualdade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 216, p.11-30, 2005.

SILVA, Giovana Capucim e. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)** Dissertação (Mestrado em História), Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 25, n. 1, 2003.

SOARES, A. J. G. al. **Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola**. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* [online]. 2011, v. 33, n. 4.

SOARES, A. J. G. et al. Fatores Motivacionais para praticar de futebol por adolescentes: um estudo de caso. **RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 11, n. 45, p. 455-461, 2019.

SOUZA, Juliana Sturmer Soares; KNIJNIK, Jorge Dorfman. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, 2007, v. 21, no 1, p. 35-48.

SQUARCINI, C. F. R.; SILVA, R. B.; MOREL, M. Fatores Motivacionais para praticar de futebol por adolescentes: um estudo de caso. **RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 11, n. 45, p. 455-461, 2019

STRIDE, Annette; DRURY, Scarlett; FITZGERALD, Hayley. ‘Last goal wins’: re/engaging women of a ‘forgotten’ age through football?. **Sport, Education and Society**, v. 24, n. 7, p. 770-783, 2019.

SVENSSON, Daniel; OPPENHEIM, Florence. Equalize It!: ‘Sportification’ and the Transformation of Gender Boundaries in Emerging Swedish Women’s Football,

1966-1999. **The International Journal of the History of Sport**, v. 35, n. 6, p. 575-590, 2018.

TIESLER, Nina Clara. Three types of transnational players: differing women's football mobility projects in core and developing countries. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, p. 201-210, 2016.

TELLES, Gabriela Pereira. País do futebol... feminino?: a (in) visibilidade das mulheres nas quatro linhas. **A (In) Visibilidade das Mulheres Nas Quatro Linhas**, v. 65, 2017.

UCHOGA, Liane. **Educação física escolar e as relações de gênero**: risco, confiança, organização e sociabilidades em diferentes conteúdos. 2012. 190 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, 2012.

VALENTIN, Renato Beschizza; COELHO, Marília. Sobre as escolinhas de futebol: processo civilizador e práticas pedagógicas. Motriz. **Revista de Educação Física**. UNESP, p. 185-197, 2005.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

VIANA, Aline Edwiges dos Santos. **As relações de gênero em uma escola de futebol: quando o jogo é possível?** 2012. 142 f. Dissertação (Mestrado)- Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

VOSER, Rogério da Cunha et al. **Futebol**: História, técnica e treino de Goleiro. Porto Alegre: Edipurcs, 2010. 262p.

WILLIAMS, Jean. 'We're the lassies from Lancashire': Manchester Corinthians Ladies FC and the use of overseas tours to defy the FA ban on women's football. **Sport in History**, v. 39, n. 4, p. 395-417, 2019.

APÊNDICE A - Questionário para mulheres praticantes e familiares de meninas**QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AS MULHERES PRATICANTES DE FUTEBOL E DE FUTSAL E A FAMILIARES DE MENINAS PRATICANTES DE FUTEBOL E FUTSAL**

Questionário

1. Assinale os motivos que fazem você ou sua familiar praticar futebol/futsal(a questão permite assinalar mais de um item):

- a) () popularidade do esporte;
- b) () Influência de amigos;
- c) () Influência de familiares;
- d) () Influência de professores no ambiente escolar;
- e) () Atração pela modalidade;
- f) () Facilidade;
- g) () outros: _____

2. Você acredita que a orientação sexual interfere no preconceito com meninas e mulheres que praticam futebol e futsal?

- a) () Sim, o preconceito é maior para heteressexuais;
- b) () Sim, o preconceito é menor para heteressexuais;
- c) () Não, o preconceito existe independente da orientação sexual;
- d) () Não, o preconceito não existe.

3. Você ou seus familiares assistem a jogos de Futebol e/ou Futsal feminino?

- a)() Nunca assiste(m);
- b)() Assiste raramente(m);
- c)() Assiste(m) com frequência;
- d)() Sempre assiste(m).

4. Você ou sua família conhecem jogadoras profissionais de futebol feminino?

- a)() Conhece(m) poucas.
- b)() Conhece(m) entre cinco e dez;
- c)() Conhece(m) muitas;
- d)() Não conhece(m).

5. Alguém da sua família pratica futebol e/ou futsal?

- a)() Sim, o pai;
- b)() Sim, a mãe;
- c)() Sim, outro membro da família;
- d)() Ninguém da família pratica futebol e futsal;

6. Quantas vezes por semana você ou seus familiares praticam futebol e/ou futsal?

- a)() Menos de uma vez por semana;
- b)() Uma vez por semana;

- c)() Duas vezes por semana;
- d)() Mais de duas vezes por semana;

7. Das pessoas próximas a você ou a sua família, quantas meninas ou mulheres praticam regularmente futebol e/ou futsal?

- a)() Ao menos uma pessoa próxima pratica;
- b)() Ao menos duas pessoas próximas praticam;
- c)() Ao menos três pessoas próximas praticam;
- d)() Mais de três pessoas próximas praticam;

8. Para você ou sua família faz diferença jogar com homens/meninos?

- a)() Faz diferença, prefiro jogar com homens/meninos;
- b)() Faz diferença, prefiro jogar com mulheres/meninas;
- c)() Não faz diferença, mas prefiro jogar com mulheres/meninas;
- d)() Não faz diferença, mas prefiro jogar com homens/meninos.

9. Qual é a maior dificuldade para que o futebol feminino se desenvolva?

10. Em sua opinião, as mulheres têm capacidade de jogar futebol e/ou futsal no mesmo nível que os homens? Por quê?

APÊNDICE B - Questionário para instituições**QUESTIONÁRIO DIRECIONADO GESTORES, PROFESSORES E
TREINADORES DE ESCOLAS E CENTROS DE TREINAMENTO DE FUTEBOL E
FUTSAL**

Questionário

1. Muitas meninas procuram a escola para treinarem futebol e futsal?

- a) Existe a procura, mas não é com frequência;
- b) Constantemente existe a procura;
- c) Não, há procura.

2. Quando uma menina entra para a escolinha, ela costuma permanecer por quanto tempo?

- a) Menos de um mês;
- b) De um mês a três meses;
- c) De três meses a um ano;
- d) Mais de um ano

3. Quando uma menina entra para a escolinha, ela geralmente é:

- a) Acompanhada pela mãe.
- b) Acompanhada pelo pai;
- c) Acompanhada pelo pai e pela mãe;
- d) Acompanhada por outro adulto responsável.

4. Quando uma menina entra para a escolinha, ela participa dos treinos na mesma categoria que os meninos de sua idade

- a) Sim, treina com meninos de mesma idade;
- b) Não, treina com meninos mais novos que ela;
- c) Não, treina com meninos mais velhos que ela;

5. Quando uma menina entra para a escolinha, ela geralmente possui noções básicas de fundamentos e técnicas de futebol e futsal?

- a) Sim, geralmente possui grande habilidade de Futebol/Futsal;
- b) Sim, possui noções de forma superficial de Futebol/Futsal;
- c) Não, geralmente não possui nenhuma noção básica de Futebol/Futsal;

6. Quando uma menina entra para a escolinha, se percebe rejeição ou algum tipo de preconceito por parte dos meninos?

- a) Sim, por parte dos meninos mais velhos;
- b) Sim, por parte dos meninos mais novos;
- c) Não há nenhuma manifestação de preconceito ou rejeição;

7. Quando uma menina entra para a escolinha, se percebe rejeição ou algum tipo de preconceito por parte dos responsáveis pelos outros meninos da escolinha?
- a) () Sim, geralmente por parte dos pais;
 - b) () Sim, geralmente por parte das mães;
 - c) () Sim, geralmente por parte de pais e mães;
 - d) () Sim, geralmente por parte de outro responsável pelos meninos;
 - e) () Não há nenhuma manifestação de preconceito ou rejeição;
8. As meninas que procuram a escolinha geralmente estão em qual faixa etária:
- a) () de 6 a 9 anos
 - b) () de 9 a 12 anos;
 - c) () de 12 a 15 anos;
 - d) () acima de 15 anos.
9. Qual é a maior dificuldade para que o futebol feminino se desenvolva?
10. Em sua opinião, as mulheres têm capacidade de jogar futebol e/ou futsal no mesmo nível que os homens? Por quê?

APÊNDICE C - Entrevista Semiestruturada

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRECIONADA À MULHERES PRATICANTES DE FUTEBOL E/OU FUTSAL

1. Você já sofreu preconceito por jogar futebol e/ou futsal?
2. Você considera que o futebol e/ou o futsal pode(m) influenciar na orientação sexual de uma menina/mulher?
3. Você considera que existem espaços suficientes para meninas e mulheres jogarem futebol e/ou futsal?
4. O que você considera ser a maior dificuldade para meninas e mulheres que jogam futebol e/ou futsal ?
5. Você já pensou em deixar de jogar futebol e/ou futsal por conta de preconceitos?
6. Você considera que a representação nas mídias, como transmissão de jogos de futebol feminino na TV aberta, ajuda a promover o futebol feminino?
7. O que você acha que deve ser feito para que meninas e mulheres tenham mais espaço e não sofram preconceitos por jogarem futebol?

ANEXO A - TCLE - Atletas e familiares**TERMO DO CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
ALETAS E FAMILIARES**

Prezado (a) Participante,

Você está sendo convidado a participar da pesquisa que tem como tema o estudo acerca das meninas e mulheres que praticam os esportes, futebol e/ou futsal em Taquara. O estudo está sendo desenvolvido pelo mestrando Pedro Gabriel Silva de Almeida, do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional das Faculdades Integradas de Taquara/RS, sob orientação do professor Dr. Daniel Luciano Gevehr. O objetivo do estudo está relacionado a identificar as possibilidades existentes no município para prática de futebol e/ou futsal por meninas e mulheres.

Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

O pesquisador do projeto se compromete com o sigilo e confidencialidade dos dados fornecidos e com a privacidade da identidade dos participantes, e não fará uso dessas informações para outras finalidades, sendo obtido qualquer dado que possa identificá-lo na divulgação da pesquisa. Somente após a análise dos dados obtidos é que será divulgado o resultado coletivo referente ao estudo realizado. Se houver algum dano, comprovadamente decorrente da presente pesquisa, você estará amparado pela Resolução nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

A sua participação consistirá em responder um questionário/entrevista semiestruturada, que tem como finalidade esclarecer os objetivos do estudo. As entrevistas e os questionários serão transcritos e armazenados em arquivos digitais,

mas somente terão acesso aos mesmos o pesquisador e seu professor orientador. Os resultados desta pesquisa serão publicados na forma de dissertação e será examinada perante banca avaliadora.

Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução 510/2016 e orientações do CEP/FACCAT e ao final desse prazo, serão descartados. Como benefício, sua colaboração na coleta dos dados viabilizará, através deste estudo subsídios que auxiliarão no desenvolvimento de políticas públicas relacionadas ao tema.

O presente estudo apresenta riscos mínimos relacionados ao possível desconforto que você terá ao responder às perguntas pertinentes ao tema. Entretanto, se eventualmente isso ocorrer, você poderá se manifestar ao acadêmico ou a seu orientador conforme explicitado neste termo.

Se você tiver perguntas com relação a seus direitos ou questões éticas como participante deste estudo, você também pode contar com um contato imparcial junto ao Comitê de Ética e Pesquisa da Faccat, situado no 2º piso do Prédio Administrativo – Campus das Faculdades Integradas de Taquara.

Desde já agradeço sua disponibilidade na participação deste trabalho e coloque-me à disposição para quaisquer informações adicionais que possam ser necessárias. A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar informações sobre sua participação ou sobre a pesquisa ao pesquisador. Este termo deverá ser assinado em duas vias, todas as páginas deverão ser rubricadas, uma fica com você e a outra deve ser entregue ao pesquisador.

Pesquisador: Pedro Gabriel Silva de Almeida Tel.: (51) 995200229
E-mail: pedroalmeida@sou.faccat.br

Professor orientador: Dr. Daniel Luciano Gevehr Tel.: (51) 999662638
E-mail: danielgevehr@hotmail.com

(Assinatura do participante)
Dia/mês/ano

(Nome do participante)

(Assinatura do pesquisador)
Dia/mês/ano

ANEXO B - TCLE - Professores e treinadores

TERMO DO CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE PROFESSORES E TREINADORES

Prezado (a) Participante,

Você está sendo convidado a participar da pesquisa que tem como tema o estudo acerca das meninas e mulheres que praticam os esportes, futebol e/ou futsal em Taquara. O estudo está sendo desenvolvido pelo mestrando Pedro Gabriel Silva de Almeida, do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional das Faculdades Integradas de Taquara/RS, sob orientação do professor Dr. Daniel Luciano Gevehr. O objetivo do estudo está relacionado a identificar as possibilidades existentes no município para prática de futebol e/ou futsal por meninas e mulheres.

Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

O pesquisador do projeto se compromete com o sigilo e confidencialidade dos dados fornecidos e com a privacidade da identidade dos participantes, e não fará uso dessas informações para outras finalidades, sendo obtido qualquer dado que possa identificá-lo na divulgação da pesquisa. Somente após a análise dos dados obtidos é que será divulgado o resultado coletivo referente ao estudo realizado. Se houver algum dano, comprovadamente decorrente da presente pesquisa, você estará amparado pela Resolução nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

A sua participação consistirá em responder um questionário/entrevista semiestruturada, que tem como finalidade esclarecer os objetivos do estudo. As entrevistas e os questionários serão transcritos e armazenados em arquivos digitais, mas somente terão acesso aos mesmos o pesquisador e seu professor orientador. Os resultados desta pesquisa serão publicados na forma de dissertação e será examinada perante banca avaliadora.

